



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOYCE NUNES DE MOURA

**SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO ENTRE OPERÁRIOS DA FÁBRICA DE
LATICÍNIOS DE MANTEIGA PURO LEITE, EM CAMPINAS PIAUÍ: retratos de
uma época de 1897 a 1947**

PICOS-PI

2013

JOYCE NUNES DE MOURA

**SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO ENTRE OPERÁRIOS DA FÁBRICA DE
LATICÍNIOS DE MANTEIGA PURO LEITE, EM CAMPINAS PIAUÍ: retratos de
uma época de 1897 a 1947**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento.

Eu, **Joyce Nunes de Moura**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 19 de setembro de 2013.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929s Moura, Joyce Nunes de.
Sociabilidade e interação entre operários da fábrica de laticínios de manteiga puro leite, em Campinas Piauí: retratos de uma época de 1897 a 1947 / Joyce Nunes de Moura. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (81p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof.Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento

1. Movimento Operário. 2. Memória. 3. Trabalho. I. Título.

CDD 981.05

JOYCE NUNES DE MOURA

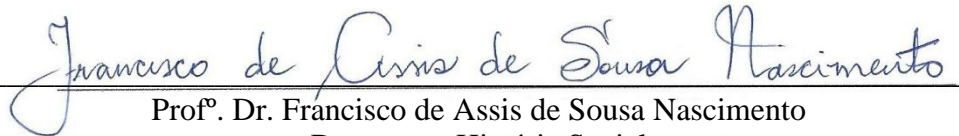
**SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO ENTRE OPERÁRIOS DA FÁBRICA DE
LATICÍNIOS DE MANTEIGA PURO LEITE, EM CAMPINAS PIAUÍ: retratos de
uma época de 1897 a 1947**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciado em História.

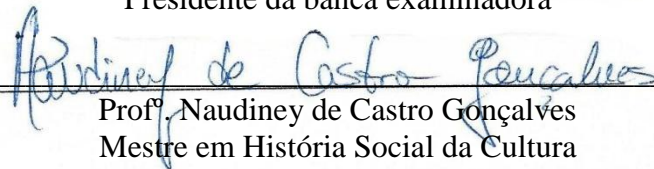
Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento.

Monografia aprovada em 23 / 09 / 2013

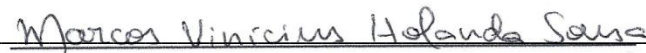
BANCA EXAMINADORA



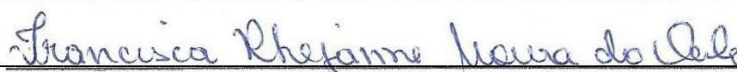
Prof.^o Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Doutor em História Social
Presidente da banca examinadora



Prof.^o Naudiney de Castro Gonçalves
Mestre em História Social da Cultura
Examinador interno



Prof.^o Marcos Vinícius Holanda Sousa
Mestrando em História do Brasil
Examinador Externo



Prof.^a Francisca Rhejanne Moura do Vale
Especialista
Suplente

Dedico este trabalho a minha mãe Josefa Nunes, por todo amor e carinho e aos meus irmãos Joseane, Jayra e Leandro e ao meu namorado Bruno Luz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo fim de mais essa etapa. À minha amada mãe Josefa Nunes de Sousa Moura que com muito carinho e apoio sempre me ajudou. Mãe, seu cuidado e dedicação deram, em alguns momentos, a esperança para seguir em frente. Aos meus irmãos Joseane, Leandro e Jayra, pela paciência e por me ajudarem a enfrentar novos desafios, tendo a certeza de que vocês estarão sempre ao meu lado. Amo vocês!

Ao Professor orientador Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento pela orientação, apoio, dedicação empregados no auxílio à concretização dessa monografia. Muito obrigada.

Ao meu namorado Bruno Santos Luz, obrigada meu amor pelo carinho, pela paciência e por sempre mostrar que sou capaz. Agradeço a Deus por tê-lo colocado na minha vida.

Aos meus amigos de curso pelos bons momentos compartilhados, foram amizades tão boas e sinceras que serão levadas comigo para sempre.

Quero aproveitar este espaço para agradecer de todo coração a duas pessoas que me ajudaram muito com esta pesquisa. Muito obrigada a Johnys Primo e José Palmiere. A ajuda de vocês foi fundamental para a direção que esse trabalho tomou. Jamais me esquecerei da prestatividade de vocês.

Aos meus entrevistados, obrigada pelo empenho em ceder suas memórias para a construção dessa história. Só tenho a agradecer a todos vocês, principalmente ao senhor José Belém, pois, além de ter cedido uma bela entrevista, deu-me o prazer em conhecer no senhor uma pessoa simplesmente maravilhosa e carismática.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada, de todo o meu coração, pelas palavras encorajadoras que muito me estimularam para concluir esta etapa em minha vida, tão significativa.

“A memória atualiza o tempo passado,
tornando-o tempo vivo e pleno de significados
no presente”.

(Lucilia de Almeida Neves Delgado)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal mostrar o cotidiano dos trabalhadores da Fábrica de Laticínios de Campinas do Piauí, como eram as relações de trabalho e sociabilidades entre operários, tudo isso dentro de um contexto histórico relacionado ao período de formação do movimento operário na Primeira República nos grandes centros urbanos do Brasil, assim, será estabelecido um paralelo entre os acontecimentos na fábrica de Laticínios em Campinas Piauí. Em seguida, apresentaremos o fundador da fábrica, e contaremos um pouco da sua história de vida. Adiante serão mostrados os administradores da fábrica. E por último trabalharemos com a memória de pessoas que tiveram contato com os trabalhadores da fábrica e com o último trabalhador da fábrica vivo. Através dessas memórias procurou-se construir uma história dentro da fábrica. Foram utilizadas como aporte teórico a Memória e a História Oral, ao qual foram necessárias para responder aos questionamentos propostos.

Palavras-chave: Movimento Operário. Memória. Trabalho.

ABSTRACT

This work has as main objective to show the daily life of workers Milk and Dairy Campinas Piaui, as were labor relations between workers and sociability, all within a historical context related to the period of formation of the labor movement in the First Republic large urban centers of Brazil thus be established a parallel between events in Dairy factory in Campinas Piaui. Next, we present the founder of the factory, and will tell a bit of his life story. Will be shown later administrators factory. And last work with the memory of people who had contact with the factory workers and the last factory worker alive. Through these memories we tried to build a story inside the factory. Were used as theoretical Memory and Oral History, which were required to answer the questions proposed.

Keywords: Labor Movement. Memory. Working.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. Trabalhadores da Fábrica de Laticínios de Campinas do Piauí.....	28
Fotografia 2. José Sampaio, fundador da Fábrica	35
Fotografia 3. José Belém de Sousa, trabalhador da fábrica	40
Fotografia 4. Alfredo Modrach, engenheiro do prédio	42
Fotografia 5. Represamento do Riacho Socotó.....	49
Fotografia 6. Riacho Socotó, foto de 2012	50
Fotografia 7. Foto externa da fábrica	51
Fotografia 8. Lateral direita da Fábrica de Laticínios	52
Fotografia 9. Chaminé da Fábrica	54
Fotografia 10. Pessoas na lateral direita da Fábrica	55
Fotografia 11. Latas da Manteiga de Puro Leite	56
Fotografia 12. Trabalhadores da Fábrica.....	58
Fotografia 13. Trabalhador ao lado da caldeira.....	60
Fotografia 14. Salão da Fábrica.....	62
Fotografia 15. Maquinário da Fábrica.....	63
Fotografia 16. Barris da Fábrica de Laticínios	64
Fotografia 17. Máquina do compressor de gelo	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O MOVIMENTO OPERÁRIO NA PRIMEIRA REPÚBLICA: DEBATE HISTÓRICO SOBRE O MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	17
1.1 O movimento operário na Primeira República: uma forma de libertação	17
1.2 Condições operárias e o trabalho feminino nas fábricas no final do século XIX e início do século XX	21
1.3 Um breve paralelo entre os trabalhadores de São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas do Piauí	26
2 “FÁBRICA DE LATICÍNIOS PURO LEITE”: IDEALIZAÇÃO DO VISIONÁRIO ANTÔNIO JOSÉ DE SAMPAIO	32
2.1 Antônio José de Sampaio: quando tudo começou	32
2.2 Os administradores: Histórias e memórias pitorescas	43
2.3 A Fábrica de Laticínios Puro Leite: um passeio histórico	48
3 MEMÓRIA DA VIVÊNCIA E DAS IDENTIDADES	68
3.1 A vida dentro e fora do ambiente da fábrica de laticínios	69
3.2 A fábrica de laticínios Puro Leite: da utilização do prédio como uma forma de entretenimento e renda à sua decadência	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
FONTES E REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

Em abril de 1897, nos “Sertões de dentro” do Piauí, foi inaugurada a primeira Fábrica de Laticínios do Nordeste, equipada com o que havia de mais moderno em relação ao maquinário. Esses equipamentos, por sua vez, todos exportados da Suíça¹, percorreram uma trajetória de transportação bem ousada. A fábrica de laticínios está localizada na cidade de Campinas do Piauí, no sul do estado, onde se manteve ativa por 50 anos.²

A história dessa fábrica, sempre povoou meus pensamentos. Desde criança observava aquele prédio, que havia sediado a indústria e me perguntava sobre o que teria acontecido no seu interior e naquele momento histórico. Nesse sentido, é bem fácil justificar o meu envolvimento com esse tema, que em primeiro lugar, está relacionado ao espaço de estudo, pois, está localizada na região em que minha família mora. E, segundo, pela minha fascinação com a estrutura daquele imponente prédio.

Para entender aquele prédio e sua história, foi necessário analisar a obra de José Mendes de Sousa Moura, filho da cidade de Simplício Mendes, localizada exatamente a 23,3 quilômetros de Campinas. Antes de Campinas se emancipar pertencia ao município de Simplício Mendes: “O povoado Campos, hoje Campinas do Piauí, sede da Fábrica de Laticínios, surgiu na fazenda Campos de Castelo. Neste povoado além da fábrica, também foram construídas as casas de administração e as residências dos empregados da fábrica”.³

A escolha do recorte temporal de 1890 a 1947 se deu principalmente através do contato inicial com a obra do autor Claudio Batalha *O Movimento Operário na Primeira República*.⁴ Conhecendo um pouco da história da fábrica, podemos relacioná-la com essa obra. Através desse contato traçamos um paralelo relacionado ao que acontecia nos grandes centros urbanos com os acontecimentos no interior da Fábrica de Laticínios. Partindo-se das análises de Batalha sobre a organização das indústrias e do movimento operário durante a Primeira República, surgiu a curiosidade de tentar fazer uma comparação entre a classe operária nos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, com a do interior do Piauí.

¹ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. *Voo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão*. Teresina, Halley, 2006.

² A cidade de Campinas possui área total de 796.953 km². Segundo o sensu do IBGE de 2010 tem uma população estimada a 5.406 habitantes, sua distância é de 414 km da Capital do Piauí. Os municípios limítrofes são: Simplício Mendes, Isaias Coelho, Santo Inácio e Floresta do Piauí. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Campinas_do_Piau%C3%AD. Acesso em 02/03/2013.

³ MOURA, José Mendes de Sousa. *Simplício Mendes: História e Notáveis*. Teresina: Edição do Autor, 2001.

⁴ BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Esta pesquisa tem como contexto histórico o período da Primeira República. Das múltiplas temáticas daquele quadro histórico, pretende-se estabelecer pontos importantes a respeito da situação de vida do operariado em formação naquele momento no Brasil, sobretudo no que tange a sua condição de vida, moradia e trabalho. No entanto, surgiu uma questão importante que veio à tona no momento da escolha do objeto: será possível fazer uma relação entre os acontecimentos nos grandes centros ao que ocorria no interior daquelas paredes, em Campinas? Sendo assim, direcionar-se-á um olhar para o cotidiano do movimento operário e seus primeiros passos durante a Primeira República, para que possamos compreender e estabelecer uma relação de aproximação, mas também revelar e analisar as singularidades da Fábrica de Laticínios de Campinas.

Outro fator que despertou o meu interesse por esta temática foi que através de pesquisas localizamos no museu Ozildo Albano um material iconográfico interessante sobre aquela indústria. Nesse material, deparamo-nos com fotos dos trabalhadores exercendo suas devidas funções naquela fábrica como: garimpeiros (aqueles que levavam o leite das fazendas para a fábrica) despejando o leite nos grandes depósitos, pessoas trabalhando na separação do leite da nata, no enlatamento da manteiga, e uma imagem do lado externo da fábrica dos trabalhadores e garimpeiros juntos.

Para trabalhar esse tema apoiamos no pensamento de E. P. Thompson que dá o seu ponto de vista a respeito de classe, segundo ele: “Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência”, mais adiante ele enfatiza “é um fenômeno histórico”, o mesmo autor ainda diz que: “não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas”.⁵

Nessa pesquisa, utilizamos como perspectiva teórica os estudos desenvolvidos em torno da concepção teórica da história social, nesse sentido, dialogaremos fundamentalmente com a obra do autor E. P. Thompson: *A Formação da Classe Operária Inglesa*.⁶ E também contaremos com a contribuição da obra de Michele Perrot: *Os Excluídos da História*⁷, que analisa os operários, o patronato, as mulheres, e faz uma referência ao papel disciplinar da família. Consideram, ainda, as formas de lutas e resistências, elementos que serão tratados ao

⁵ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa I*. A árvore da liberdade. 4 ed. [tradução de Denise Bottmann]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 09.

⁶ Idem.

⁷ PERROT, Michele. *Os Excluídos da História*: operários, mulheres e prisioneiros; tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

longo da pesquisa. E para dialogarmos a respeito do espaço fora da fábrica contaremos com a obra do autor Sidney Chalhoub *Trabalho, lar e botequim*.⁸

Para abordar esse tema será de fundamental importância dialogar com teóricos que trabalham a respeito da Memória, da História Oral e da Tradição oral. Para tanto, autores como Paul Thompson nos aponta a importância da utilidade da história oral para o estudo dos trabalhadores pobres:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.⁹

O ponto crucial dessa pesquisa é entender como eram as relações de sociabilidades entre os trabalhadores e para entendermos essas relações contaremos com o depoimento do último trabalhador vivo da fábrica. As outras entrevistas que serão usadas nesse trabalho, fazem parte da Tradição Oral. São histórias contadas de geração para geração, através de pessoas que moram na região de Campinas do Piauí e que tiveram familiares trabalhando na fábrica de laticínios. Neste sentido, para trabalhar com História Oral e Tradição Oral temos que ter em mente o que difere essas duas categorias:

As expressões “tradição oral” e “história oral” continuam ambíguas, porque suas definições mudam no uso popular. Às vezes, a expressão “tradição oral” identifica um conjunto de bens materiais preservados do passado. Outras vezes, a usamos para falar do processo pelo qual a informação é transmitida de uma geração à seguinte. “História oral” é uma expressão mais especializada, que em geral se refere a um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular.¹⁰

Para falar da memória coletiva utilizamos como base o autor Maurice Halbwachs, em seu livro intitulado *A memória coletiva*. O mesmo diz que nunca estamos sozinhos, quando pensamos que estamos em certo lugar a sós, não estamos: “mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros mesmo que se trate de

⁸ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

⁹ THOMPSON, Paul, 1935. *A Voz do Passado: história oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 22.

¹⁰ AMADO, J.; FERREIRA M. M. *Usos & abusos da história oral*, 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 151.

acontecimentos nos quais apenas nós estivemos envolvidos com objetos que só nós vimos”. E por isso, em realidade, nunca estamos sós.¹¹

Lucília de Almeida Neves Delgado no seu livro *História oral, Memória, Tempo, identidades* conceitua História Oral:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fonte e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. De acordo com Meihy (2005), é um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem da gravação.¹²

Este trabalho se beneficiará de outro conceito que será bastante usado no texto e para tratar esse assunto teremos subsídio da autora Lucília Delgado. Segundo esta, a memória é a principal fonte quando se pesquisa com os depoimentos orais. Além do mais a memória é:

[...] um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria a supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida.¹³

Esse estudo contará ainda com a perspectiva da autora Hanna Arendt, no que se refere à noção de trabalho encontrada em seu livro *A Condição Humana*, mais especificamente no capítulo onze, intitulado “O trabalho de nosso corpo e a obra de nossas mãos”. Neste livro, a autora faz uma distinção entre trabalho e obra, no entanto, na modernidade, segundo Arendt, essa distinção desaparece e “toda obra se tornaria trabalho” no sentido de que a produção do trabalho no espaço fabril acaba promovendo um fim desta distinção, ocorrendo uma junção desses dois termos.¹⁴

Beneficiaremos também com o ponto de vista do autor Ulpiano Meneses para falar a respeito da representação da imagem. Este contribuirá com a sua obra *Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço provisório propostas cautelares*.¹⁵ A contribuição desta obra

¹¹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

¹² DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 15, 16.

¹³ Idem, p. 16.

¹⁴ ARENDET, Hannah. *A Condição Humana*. 11 ed., tradução: Roberto Raposo. Revisão técnica: Adriano Correia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

¹⁵ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36-2003.

para o trabalho se dá na forma como o autor pensa o artefato visual, considerando a fotografia uma leitura histórica.

Faz-se necessário salientar que os registros sobre a fábrica de laticínios são escassos. Contudo, dialogamos com pessoas que trabalharam com a mesma perspectiva, uma vez que estas obras nos forneceram alguns materiais importantes. É necessário ressaltar a contribuição do livro *Voo de Ícaro* do autor Marcos Vilhena¹⁶. O livro conta a biografia do fundador da Fábrica, as dificuldades da trajetória do maquinário vindo da Suíça e, por último, explica o fracasso no empreendimento de Antônio José de Sampaio, fundador da fábrica de laticínios.

[...] a indústria de laticínios é um retrato acabado de seu idealizador, o engenheiro Antônio José de Sampaio. Intelectual, jovem, rico e dotado de uma grande inteligência, Sampaio ousou agir e pensar para além de suas condições da época. Em razão disso teve um fim melancólico: morreu aos quarenta e nove anos, amargurado e arruinado, no Rio de Janeiro, distante de sua terra natal e do sonho de se tornar industrial no sertão piauiense do século XX.¹⁷

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, conseguimos também um documentário denominado *A fábrica de manteiga e queijo das fazendas nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*. Este documentário foi cedido pelo Diretor do Filme e de Fotografia Roberto Sabóia que trabalha na Fundac¹⁸. O objetivo da produção do documentário é primordialmente juntar um dossiê para o processo de tombamento da fábrica, sem contar que esse mesmo documentário foi de fundamental importância para os moradores de Campinas conhecerem o outro lado da história, contada a partir da ótica dos trabalhadores. Nesse documentário os dois últimos trabalhadores da fábrica, e um garimpeiro, contam como era a rotina de trabalho e enfatizam a importância do tombamento. Esse diálogo dos trabalhadores foi de grande relevância para os rumos que este trabalho tomou.

Essa pesquisa se beneficiou da contribuição fundamental de cinco pessoas que através das suas reminiscências nos contaram como era o cotidiano da fábrica. Essas pessoas são filhos e filhas da Cidade de Campinas do Piauí, segue os nomes: Aurora Lima da Silva, Maria do Socorro Alves Moura, Eufrasina de Araújo Moura, Atanásio Ferreira dos Santos e José Belém de Sousa. Todos os entrevistados tiveram uma relação bem próxima com a fábrica, como o caso da Senhora Aurora que é filha de uma das mulheres que trabalhou naquela.

¹⁶ VILHENA, Marcos Aurélio de. *Voo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão*. Teresina: Halley, 2006.

¹⁷ Idem, p. 15.

¹⁸ DVD com vídeo *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*. Produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007.

Outro relato importante é o da Senhora Socorro Alves, neta de um dos trabalhadores, e que hoje é uma das pessoas que luta pela restauração da fábrica. A escolha dos entrevistados se deu a partir da proximidade que os mesmos mantinham com o objeto de estudo.

Essa pesquisa estuda as seguintes problemáticas: será possível fazer uma comparação entre os acontecimentos nos grandes centros do Brasil ao que ocorria na fábrica de laticínios? Como eram as relações de sociabilidades entre os trabalhadores da fábrica de laticínios? Existia um ambiente de lazer fora da fábrica para os trabalhadores? O problema inicial tem como objetivo mostrar como se deu à formação do movimento operário nos grandes centros do Brasil, mais precisamente São Paulo e Rio de Janeiro. E assim, traçar um paralelo que vai desde os fatos pertinentes ao trabalho, ao cotidiano e até ao modo de ser e agir no social, relacionados à fábrica de laticínios de Campinas do Piauí.

O trabalho está dividido em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo discute a respeito do processo da formação da classe operária na Primeira República, que ainda estava se constituindo. Analisar a classe operária é primeiramente refletir: como é ou era a condição social e econômica dos trabalhadores, bem como a organização operária? Essa é a questão inquietante que move a parte inicial desse trabalho.

No segundo capítulo abordar-se-á a origem da fábrica de laticínios, bem como a idealização do fundador: Antônio José de Sampaio. Historiaremos o início da fábrica, da família que a projetou, o porquê da escolha do local e, sobretudo, a condição de contratação dos trabalhadores. Em seguida falaremos sobre os administradores da fábrica que sucederam José de Sampaio e para terminar o capítulo faremos um passeio histórico por dentro da fábrica.

No terceiro capítulo trabalharemos com a memória, as vivências, o cotidiano e as histórias sobre o espaço do trabalho daqueles que fizeram da fábrica, à época, uma das maiores do Nordeste brasileiro. Através da memória dessas pessoas contaremos a história dos trabalhadores da fábrica de Campinas e, juntos, conheceremos um pouco dos relatos de vida desses trabalhadores, bem como, o seu cotidiano.

1 O MOVIMENTO OPERÁRIO NA PRIMEIRA REPÚBLICA: DEBATE HISTÓRICO SOBRE O MOVIMENTO OPERÁRIO NO BRASIL, NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Nesse primeiro capítulo, trabalharemos a respeito do contexto histórico da formação da classe operária na Primeira República no Brasil. Explanaremos sobre os diversos discursos historiográficos a respeito do Movimento operário. Apresentaremos, a partir da análise dos historiadores, o que acontecia nesse período e assim partiremos para uma análise de como era a condição do operariado em meio a esses movimentos de organização.

Após fazermos uma análise desse período histórico ficará bem mais interessante perceber como se deu a formação desse processo. Em seguida, falaremos a respeito da condição de vida do operariado, questões da salubridade, moradia, e condição de trabalho, bem como suas dificuldades, e a rotina dentro das fábricas. Nessa mesma perspectiva, faremos uma diferenciação da mão-de-obra, ou seja, apresentaremos características do trabalhador de São Paulo, do Rio de Janeiro e da Fábrica de Campinas do Piauí.

1.1 O movimento operário na Primeira República: uma forma de libertação

Para iniciarmos esse tópico precisamos entender primeiramente como se dá a experiência da formação de classe. A organização de classe para E. P. Thompson é um fenômeno histórico. Este autor afirma também que não se pode ver a classe como uma “categoria”. Para este autor a “noção de classe traz consigo a relação de noção histórica. Como qualquer outra relação é algo que escapa a análise, ao tentarmos imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura”.¹ A classe para mostrar a sua subjetividade precisa existir em um determinado tempo e em um local, sendo assim, Thompson nos diz quando a classe acontece:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente.²

¹ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Tomo I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9, 10.

² THOMPSON, E. P. Op. cit. p. 10.

Além disso, para Thompson, o acontecimento classe é um resultado de experiências: “A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua definição”.³ A expectativa do autor para o entendimento dos leitores com relação a esta obra é que ela seja uma contribuição para a compreensão da classe: “Pois estou convencido de que não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico”.⁴

É importante esclarecer que longe dos grandes centros (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) o Movimento Operário não teve tanta força. É o caso da fábrica de Campinas, enquanto os trabalhadores de outros lugares se mobilizavam para fazerem greves, lutarem pelos seus direitos, em Campinas isso estava longe de acontecer, as pessoas estavam alheias a esses movimentos. Uma das causas era a falta de comunicação, as notícias demoravam pra chegar lá, outra causa que o autor Cláudio Batalha aponta em sua obra, dá-se pelo fato de que 80% da população brasileira naquele momento vivia no campo.

A despeito de todas as condições desfavoráveis e dos elementos de divisão e diferenciação da classe operária, a história da Primeira República permanece como um momento de extraordinária mobilização coletiva e de forte organização de classe. Mas é preciso reconhecer que, malgrado esse caráter extraordinário, a ação organizada da classe por meio de suas instituições ou de ações coletivas atingiu apenas uma minoria dos trabalhadores, entre outras razões porque nesse período 80% da população brasileira vivia no campo.⁵

A respeito desse mesmo tema citado, o autor Ícaro Bittencourt discorda desse exagero, onde o movimento operário era mais atuante nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Fica evidente que nesses dois estados o movimento operário foi mais forte, no entanto, ocorreu também em outros centros, só que não com essa mesma intensidade.

O caráter generalizante das interpretações sociológicas feitas a partir da década de 1960 foi resultado direto da ausência de pesquisas empíricas de fôlego na maioria dos estudos representantes dessa tendência. Além disso, a compreensão de que só existiria movimento operário numa sociedade fortemente industrializada acabou desconsiderando a diversificada experiência associativa e os modos de vida da classe operária e, também nesse sentido, desconsiderou a história operária de outras regiões do Brasil além de São Paulo e do Rio de Janeiro. As conclusões sobre o caráter das lideranças operárias, hegemonicamente imigrante e anarquista, além de uma

³ THOMPSON, E. P. Op. cit. p. 12.

⁴ Idem, Ibidem

⁵ BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p.14.

cronologia arbitrária em relação ao caráter das associações operárias, completaram o quadro de modelos aplicativos dessas análises sociológicas.⁶

O autor Paulo Ghiraldelli Júnior também dá seu parecer a respeito dessa centralização do movimento operário. O autor afirma que o processo de industrialização foi lento em algumas regiões, e também fala a respeito do processo de urbanização e modernização.

Assim se já não bastasse a atividade comercial em expansão, também a indústria veio somar no sentido de acelerar o processo de urbanização e modernização da sociedade brasileira. As indústrias tenderam a se concentrar em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde havia um mercado interno mais desenvolvido e onde a infra-estrutura urbana e de transporte era razoável. As grandes cidades destes Estados, ou seja, as capitais passaram a acolher os enriquecidos fazendeiros do café – que procuraram os centros urbanos para a atividade política – como também um crescente número de pessoas que engrossavam as fileiras do funcionalismo e da burocracia pública e privada, compondo os traços de uma camada média em expansão. Além disso, é preciso registrar, com a industrialização, a formação de um nascente proletariado urbano. Só para citar um exemplo, em 1872, antes mesmo do razoável crescimento fabril da década final do Império, a cidade do Rio de Janeiro abrigava 18.000 pessoas registradas como operários, o que representa algo em torno de 10% da população carioca.⁷

Paulo Ghiraldelli assegura que com a industrialização acelerou a urbanização e conseqüentemente, a sociedade brasileira passou a se modernizar. E com essa indústria surgiu o proletariado urbano, mais pessoas migravam para as capitais em busca de empregos, ao passo que grandes fazendeiros buscavam estes centros para exercerem a política. Foi nesse mesmo período que ocorreu a imigração.

Com a vinda de milhares de imigrantes europeus para o Brasil, vieram juntamente com estes as teorias que fervilhavam entre a sociedade europeia. Essas teorias foram fundamentais para os operários brasileiros iniciarem um efetivo movimento de classe. Este contato inicial levou o proletariado a absorver as ideias socialistas e com isso passaram a lutar, a reivindicar e se posicionar no que se refere aos seus direitos trabalhistas.

No embalo dessas ideias, passaram a existir no Brasil vários grupos socialistas que tinham como meta lutar pelos direitos trabalhistas. A partir do contato com essas ideias, o operariado brasileiro passou a ser mais crítico e a buscar um espaço no meio social, tal espaço não o privava de explanar suas ideias. A respeito desses grupos socialistas Cláudio Batalha afirma que:

⁶ BITTENCOURT, Ícaro. O Operariado no Brasil da Primeira República: Alguns apontamentos teórico-metodológicos e Historiográficos. *Sociais e Humanas, Santa Maria*, v. 20, nº01. Jan/Jun 2007, p. 142.

⁷ GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Educação e Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987, p. 13.

O Brasil do final do século XIX assistiu ao surgimento de uma série de grupos socialistas fundados em Santos (SP) em 1889, seguido pelo Partido Operário criado na capital federal no ano seguinte. Até os anos 1930 proliferou uma sucessão de partidos socialistas de duração efêmera, quase sempre de expressão puramente local. [...]. A maioria desses partidos defendia um programa de reformas (voto secreto, ampliação do direito de voto, revogabilidade dos mandatos, jornada de oito horas, criação de tribunais arbitrais entre patrões e empregados, proibição do trabalho de menores de 14 anos, restrição ao trabalho noturno, direito de greve etc.) e pretendia concretizá-lo por meio de pressões e da eleição de seus representantes.⁸

Além da corrente socialista, passou também a existir no Brasil os anarquistas. As ideias anarquistas se dividiram em dois pensamentos, os anarco-comunistas e os anarco-individualistas. O autor Cláudio Batalha diferencia essas duas correntes: em “ação individual” para os individualistas e em “ação coletiva” para os comunistas, o autor ainda acrescenta que:

O ideário dos anarquistas passava, entre outros aspectos, pelo antiestatismo, pelo federalismo, pela recusa da luta político-parlamentar, pelo anticlericalismo e pela rejeição de qualquer forma de opressão sobre o indivíduo. Em sua maioria, os anarquistas no Brasil eram seguidores das posições do russo Pedro Kropotkin e do italiano Errico Malatesta, representantes da corrente que se convencionou chamar anarco-comunista e que dominou o anarquismo internacional a partir de 1880. Havia ainda uma minoria de representantes do chamado anarco-individualismo, seguidores das posições do alemão Max Stirner e também influenciados por seu compatriota Friedrich Nietzsche.⁹

A partir desses ideais e do contato com essas correntes, o trabalhador brasileiro foram levados a lutar, reivindicar e a manifestar por direitos trabalhistas e sindicais, além do mais, eles buscavam melhores condições de trabalho e melhores salários. Essa política culminou numa das maiores greves já vistas no Brasil, greve geral de 1917. Entre as reivindicações dos trabalhadores eles lutavam por jornada de trabalho de oito horas, direito a férias, fim do trabalho infantil, melhores salários, proibição do trabalho noturno para as mulheres, aposentadoria e assistência médica. A autora Eliane Seabra fala sobre a greve geral de 1917, segundo ela ocorreu devido as ideias difundidas na Rússia e teve uma forte perseguição ao operariado.

A greve geral de 1917 ocorreu sob o entusiasmo dos acontecimentos na Rússia e sob forte repressão policial. Mesmo assim os operários encontraram nas notícias dos acontecimentos no exterior um ponto motivador para a luta por sua causa, já tão deficitária em razão das forças policiais que reprimiam veementemente qualquer associação de operários. Os operários eram

⁸ BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 23, 22.

⁹ BATALHA, op. cit. p. 24.

constantemente perseguidos e autuados como verdadeiros criminosos enchendo as prisões e cadeias do país. Os sindicatos eram alvos frequentes de arrombamentos e assaltos numa forma de destruir qualquer oportunidade de coesão das ideias de transgressão do sistema vigente.¹⁰

“A República trouxe inicialmente esperança, que logo deu lugar à decepção”¹¹, Cláudio Batalha ao dizer essa frase reflete que as pessoas que tinham a esperança de que com a mudança do Império para República, a situação do trabalho iria ser regulamentada e os direitos políticos e sociais seriam garantidos. Mais adiante, o autor diz que a melhoria das condições de trabalho ficou só no papel, pela falta de vontade política e de uma estrutura de fiscalização para o cumprimento, e acrescenta:

A República não fora uma revolução social, e não promovera a libertação do “quarto-estado”, o proletariado, como haviam almejado os trabalhadores envolvidos no movimento republicano. Para muitos destes, as saídas encontradas iam desde a adesão a projetos que visavam a retomar o rumo do qual a República supostamente se desviara até a busca de ideais que ultrapassavam o projeto republicano; dentro desse quadro o socialismo, em suas muitas vertentes, e o anarquismo, que tampouco era homogêneo, tornaram-se saídas plausíveis.¹²

Saindo do trecho onde se concentrava o maior número de indústrias e indo em direção à cidade de Campinas no Piauí onde se construiu uma grandiosa fábrica de laticínios inaugurada em Abril de 1897, nos anos finais do Império e início da Primeira República. Partindo-se para essa análise, questiona-se por que então houve a construção de uma fábrica na área rural do Piauí se as grandes concentrações eram no trecho Rio, São Paulo e Minas Gerais?

1.2 Condições operárias e o trabalho feminino nas fábricas no final do século XIX e início do século XX

A condição do operariado na Primeira República era bastante precária, os trabalhadores viviam em péssimas condições de vida, a moradia era arriscada, devido aos locais serem insalubres e sujeito a proliferações de doenças. Com isso começaram a surgir os bairros industriais e vilas operárias, numa tentativa de amenizar a propagação de enfermidades. Como afirma Eliane Pires:

¹⁰ SEABRA, Eliane Pires. *O Movimento Operário na Primeira República*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011, p. 11.

¹¹ BATALHA, op. cit. p. 37.

¹² BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Op. Cit. p. 38.

As famílias em geral se instalavam em cortiços, casebres, pensões, casas de cômodos e etc. Muitos se instalavam em cômodos atrás de vendas, nos fundos de depósitos, em cocheiras, estábulos ou qualquer cômodo oferecido a preços mais acessíveis ao seu salário. Os locais alugados pelos operários possuíam péssimas condições de higiene e recursos. As principais dificuldades encontradas referem-se a aposentos sem luz, sem ventilação, alguns ambientes que acomodavam várias famílias com cômodos utilizados como áreas comuns. Em alguns casos habitação servia como um local só para dormir. As condições insalubres desses ambientes facilitavam a contaminação e propagação de doenças, consistindo numa grave preocupação por parte do governo. Com a propagação de doenças pela má condição de higiene destes locais de habitação começaram a surgir bairros industriais e vilas operárias.¹³

A organização operária na Primeira República foi fundamental para incentivar os operários a lutarem pelos seus direitos trabalhistas, melhores condições de vida e moradia. Esta organização foi realizada pelos sindicatos e as necessidades destes eram apontadas a partir dos congressos operários, Eliane Pires reflete a respeito do Congresso Operário de 1906:

O Primeiro Congresso Operário (1906) foi de grande importância para o movimento operário, dando origem a um sistema de organização a Confederação Operária Brasileira (COB) que igualou a organização operária a nível nacional. A confederação era formada pela participação exclusiva de sindicatos de trabalhadores assalariados e que defendiam a resistência. A confederação nomeou o jornal *A Voz do Trabalhador* como difusor das resoluções da confederação e instituiu a contribuição dos sindicatos para a manutenção da confederação. Esta confederação buscava, sobretudo a união dos trabalhadores em torno de uma única causa e não só a defesa dos interesses dos trabalhadores, mas acabar com as organizações das classes em células separadas por ofícios, objetivando compor sindicatos mais organizados e ligados a uma única confederação.¹⁴

Os trabalhadores não podiam contar com o Estado brasileiro, pois, estes se mostravam ao lado dos patrões, especialmente para intervir na “questão social”. O Estado, neste sentido, chegava a adotar práticas abusivas contra o operariado, como:

Prisões arbitrárias, expulsões de estrangeiros sem processo regular, invasões de domicílio, espancamentos, empastelamento de jornais, aprisionamento em lugares inóspitos da Amazônia, mortes em manifestações são algumas das práticas adotadas pelo Estado contra o operariado.¹⁵

O empastelamento de jornais foi uma característica marcante deste período, pois, era necessário calar a imprensa contrária às ideias vigentes. Um jornal empastelado era um jornal

¹³ SEABRA, Eliane Pires. *O Movimento Operário na Primeira República*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, Julho 2011, p. 05.

¹⁴ SEABRA, Eliane Pires. Op. Cit. p. 07.

¹⁵ BATALHA, op. cit. p. 13.

“sem letras e sem voz”. Com relação aos abusos cometidos pelos patrões, no que se refere ao quesito regulamentos de trabalho e a carga horária, a autora Eliane Pires dá seu parecer:

As condições de trabalho dos operários eram demasiadamente exaustivas, a carga horária no início do século chegava a apresentar turnos de 14 horas diárias seguidas de produção por uma mesma turma de operários em fábricas têxteis. Os abusos cometidos pelo patronato incluíam cobrança indevida de multas, para os transgressores dos regulamentos na empresa, onde eram cobrados não só pela assiduidade e pela pontualidade, mas também pelo ritmo intenso e progressivo em sua produção. Era comum a aplicação de castigos corporais aplicados principalmente aos aprendizes. Havia um enorme distanciamento na relação entre os operários e o patronato e seus representantes na chefia como os mestres e contramestres. Essa relação era necessária em função do clima de subserviência criado no processo de produção.¹⁶

Ghiraldelli não atribui essa opressão ao operário apenas ao patronato, mas também aos mestres e contramestres que tinham a função de fiscalizar o operariado, e às vezes se comportavam como patrões. No entanto, este quadro estava mudando dentro das fábricas, os operários já estavam começando a enxergar que os mestres e contramestres estavam apenas cumprindo ordens.

Dentro das fábricas, mestres e contramestres se responsabilizavam pela disciplina do trabalho. Em muitos casos os operários abriam uma verdadeira frente de batalha contra tais figuras, isentando o patrão e, mais ainda, as condições sociais, de qualquer culpa pelo regime de opressão no trabalho. É significativo que várias greves foram deflagradas contra as atitudes dos mestres. Aos poucos, também a figura do patrão foi sendo responsabilizada pelo regime de opressão vigente, sendo os mestres entendidos como meros arautos do capitalista.¹⁷

Diante das precárias condições de vida, a insatisfação tomou conta dos meios operários, através desses descontentamentos populacionais desencadeou-se à organização de greve. O maior exemplo dessas manifestações foi a greve geral de 1917, no qual a bandeira de luta desses grevistas estava principalmente no sentimento de solidariedade entre os companheiros que tinham como principal foco,

[...] a redução da carga horária que representaria indiretamente um aumento de salário e a melhoria nas condições de vida. O operário obtendo uma disposição maior de tempo livre poderia dedicar-se a sua educação, elevando seu nível de formação e aumentando suas oportunidades dentro do ambiente de trabalho que viria a refletir num aumento de seu salário.¹⁸

¹⁶ SEABRA, Eliane Pires. Op. cit. p. 07.

¹⁷ GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Educação e Movimento Operário*. São Paulo : Cortez – Autores associados, 2. ed. p. 42

¹⁸ SEABRA, Eliane Pires. Op. Cit. p. 08.

Na discussão dessa pesquisa não podemos deixar de fora a contribuição da mulher no trabalho das indústrias brasileiras. Essa era outro elemento caracterizador desse período, e também por que,

Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.¹⁹

A condição do trabalho feminino nas indústrias era ainda mais precária que a masculina, sem falar que nos primeiros anos da República a mulher era mal vista exercendo qualquer função de trabalho perante a sociedade, pois, prevaleciam os discursos de que o lugar da mulher era em casa, cuidando do lar e da família, ou melhor, “o enquadramento conceitual da mulher enquanto “rainha do lar” ou “mulher da vida” foi o caminho que os homens cultos do período encontraram para se referirem à condição feminina”.²⁰ Esses discursos limitavam a mulher ao espaço da vida privada, pois, esse era o seu destino “natural”, ser esposa e mãe. As mulheres que não seguiam esse perfil eram vistas como loucas degeneradas ou prostitutas.

Existia uma diferença do salário pago para as mulheres fabris ao dos homens, sendo que o das mulheres era mais inferior. O autor Benito Schmidt diz que devido essa desvalorização a presença das mulheres nas fábricas era significativa.

[...] É fácil perceber o porquê desta presença significativa do “sexo frágil” nas fábricas, embora a moral da época propugnasse que as senhoras “decentes” deveriam dedicar-se sobretudo ao lar: os salários pagos a mulheres e crianças, era bem mais baixo do que os atribuídos aos homens, o que é constantemente denunciado pela imprensa operária.²¹

Cláudio Batalha mostra dados estatísticos da participação da mulher nas indústrias dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro e revela que a imagem da mulher estava associada à indústria têxtil,

No município de São Paulo, segundo os dados do censo populacional de 1920, as mulheres representavam 29% do total dos trabalhadores

¹⁹ DAVISN, Natalie. 1976-76, apud SCOTT, Joan Wallach. “*Gênero: uma categoria útil para análise histórica.*” Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2 jul. / dez. 1995, p. 03.

²⁰ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 20.

²¹ SCHMIDT, Benito Bisso. “*Companheiras!*”: As mulheres e o movimento operário brasileiro (1889-1930). Disponível em: <http://www.americanistas.es/biblio/textos/08/08-101.pdf>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2012.

empregados em todos os ramos da indústria, mas no setor têxtil essa participação saltava para 58%. Já no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, a participação das mulheres entre os trabalhadores na indústria era ligeiramente inferior à de São Paulo, 27%, mas no setor têxtil era de apenas 39%.²²

Com relação à participação do trabalho da mulher, a autora Michelle Perrot descreve o papel que elas exerciam nas fábricas:

Em todo caso, na luta contra as máquinas, as mulheres estão presentes, e duplamente presentes. Como mulheres de operários, elas desempenham nas agitações seu papel tutelar de *donas-de-casa* que defendem o nível de vida da família, a qual necessita de “trabalho e pão”.²³

Mais adiante a autora acrescenta: “Mas as mulheres não intervêm apenas como auxiliares. Elas se insurgem por si mesmas contra a máquina destruidora de um modo de produção doméstico a que são particularmente apegadas”²⁴. Nas memórias usadas para este trabalho, os entrevistados disseram que eram poucas as mulheres que trabalhavam na fábrica de laticínios no Piauí, o espaço destinado a elas era na “parte de enlatamento de manteiga trabalhava mais eram mulheres”,²⁵ apenas isso é relatado, observa-se que eles não davam muita ênfase aos trabalhos femininos, pois, toda vez que se fizesse uma pergunta relacionada às mulheres, eles desconversavam.

Uma das entrevistadas se chama Aurora Lima da Silva²⁶ e ela conta que sua mãe trabalhou na fábrica, no entanto, ela não lembra qual era a sua função, lembra-se da mãe falar como eram os processos de fabricação da manteiga e como faziam a limpeza da fábrica. No próximo tópico faremos um paralelo entre os trabalhadores de São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas do Piauí, mostrando as principais características desses trabalhadores.

²² BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. Op. Cit. p. 10.

²³ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 32.

²⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵ DVD com vídeo. *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007. Depoimento do Senhor José Mariano Filho (Cazuza).

²⁶ Aurora Lima da Silva, conhecida por Cocota, mora em Campinas, e a sua mãe trabalhou na fábrica, então, o que a Senhora Aurora conta sobre a fábrica são reminiscências passadas pela sua mãe a Senhora Maria de Nazaré Leite.

1.3 Um breve paralelo entre os trabalhadores de São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas do Piauí

Com a instauração da República, ocorreu a transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil. A substituição dessa mão-de-obra “se dá a partir de um processo histórico que cria condições para a emergência do trabalho assalariado que é condição fundamental do desenvolvimento do modo capitalista”.²⁷ Para entendermos este processo é de fundamental importância sabermos o que o caracteriza:

A escravidão configura-se como um sistema no qual os escravos apresentam-se como mercadorias. O trabalhador livre, desprovido dos meios de produção, ao vender a sua força de trabalho transforma-a, também, em mercadoria. Há nos dois casos coerção e dominação. No primeiro, a dominação se dá no ato da escravização. No caso do trabalho livre, o trabalhador é privado do acesso aos meios de produção, e assim é obrigado a vender a sua capacidade de trabalho.²⁸

Ícaro Bittencourt também fala a respeito desse período de transição, e afirma que o trabalho livre assalariado é uma problemática importante para a história do trabalho no Brasil, e em muitos estudos esses assuntos seguem uma sequência de fatos que vai desde a proibição do tráfico negreiro até a proclamação da República:

Uma das problemáticas mais importantes na história do trabalho do Brasil hoje se refere ao processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre assalariado. Em alguns estudos esse assunto foi tratado de forma linear, destacando-se uma sequência de “fatos” que teriam desembocado na formação do mercado de trabalho livre no Brasil: a proibição do tráfico negreiro em 1850, a abolição da escravatura em 1888, a imigração e a proclamação da República em 1889. Todos esses acontecimentos teriam contribuído de forma inequívoca para a gradativa substituição do trabalhador escravo pelo trabalhador livre imigrante, amparado por um aparato jurídico-político burguês que preconizava a igualdade jurídica entre os indivíduos, e para o desenvolvimento industrial a partir dos investimentos do capital excedente cafeeiro. Contudo, além dessa abordagem não ter sido cuidadosa com a dinâmica específica das relações sociais brasileiras, explicou o processo de industrialização do Brasil como um todo pelo modelo paulista, ao identificar uma relação necessária e determinista entre cafeeira, industrialização, imigração e urbanização.²⁹

²⁷ CONSENTINO, Daniel do Val. *A Transição do Trabalho Escravo para o Trabalho Livre e as Raízes das Desigualdades Sociais no Brasil*. p. 02 Disponível em: http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/448_abstract.pdf. Acesso em: 20 de Janeiro de 2013.

²⁸ CONSENTINO, Daniel do Val. Op. cit. p. 01.

²⁹ BITTENCOURT, Ícaro, O Operariado no Brasil da Primeira República: Alguns apontamentos teórico-metodológicos e historiográficos. *Sociais e Humanas, Santa Maria*, v. 20, nº01. Jan/Jun 2007, p. 144.

No início da Primeira República os trabalhadores do Brasil eram diversos, tanto em termo social como cultural. Com relação à composição do proletariado brasileiro predominava o trabalhador estrangeiro, principalmente o italiano, o espanhol, e o português, como afirma Boris Fausto: “Considerando-se o período de 1887-1930, os italianos formaram mais numerosos, com 35,5% do total, vindo a seguir os portugueses (29%) e os espanhóis 14,6%”.³⁰ Este mesmo autor apresenta dados que mostram onde ficava a maior concentração de imigrantes.

As regiões Centro-Sul, Sul e leste foram as que receberam imigrantes maciçamente. Um dado eloquente nesse sentido: em 1920, 93,4% da população estrangeira vivendo no Brasil estavam nessas regiões. O Estado de São Paulo se destacou no conjunto, concentrando sozinho a maioria de todos os residentes estrangeiros no país (52,4%). Essa preferência se explica pelas facilidades concedidas pelo Estado (passagens, alojamento) e pelas oportunidades de trabalho abertas por uma economia em expansão.³¹

Cláudio Batalha também nos mostra dados referentes à imigração no Brasil e diz que a imigração foi majoritária em São Paulo, e ainda afirma que a maioria desses imigrantes vinham de “áreas rurais dos seus países de origem”, no entanto, esses imigrantes não tinham experiências no trabalho industrial, por isso, esses trabalhadores tinha como opção inicial os trabalhos na agricultura, como é o “caso das fazendas de café no Estado de São Paulo”.³²

No Piauí, existem relatos que comprovam a imigração italiana nesse território. A autora Teresinha Queiroz trabalha a respeito desta temática. Ela aponta que no Piauí insistia-se na questão de que o problema estatal estava na escassez da mão-de-obra, e a ideia que circulava no Brasil era a de que a solução para esse problema estava na intensificação do povoamento, por essa fórmula ter funcionado no Centro-Sul, também daria certo no Piauí. “Todavia, a população a ser introduzida deveria ser de origem europeia, em vista da superioridade e da função de servir de exemplo aos trabalhadores nacionais”.³³

Segundo Teresinha Queiroz, no Piauí na década de 1890, como uma das alternativas para ativar o crescimento, falavam-se a respeito da criação de núcleos coloniais de imigrantes europeus. No entanto, no governo de Coroliano de Carvalho e Silva³⁴ afirmava-se que não era a falta de interesse da administração, mas sim a falta de serviço no Estado e também “pela ausência de condições para receber qualquer contingente imigratório que se quisesse

³⁰ FAUSTO, BORIS. *História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. (Didática, 1), p. 276.

³¹ Idem, *ibidem*.

³² BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. Op. cit. p. 12.

³³ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de manijoba na economia piauiense: 1900-1920*. (Teresina: FUNDAPI, 2006, p45-62), p.55.

³⁴ Coroliano de Carvalho e Silva governou o Piauí no período de 1892 a 1896.

encaminhar para o Piauí”.³⁵ Antônio José de Sampaio o fundador da fábrica de laticínios arriscou a tentativa da imigração:

Já havia tentado, a essa época, a imigração italiana, promovida pelo arrendatário das Fazendas Nacionais, Antônio José de Sampaio. Tais áreas, antigas fazendas de Domingos Afonso Mafrense, nessa época, faziam parte do patrimônio da União. A opinião do governador era de que o insucesso parcial dessa primeira tentativa não deveria inibir outras. Informava que oito das famílias de italianos estabelecidas nas Fazendas estavam muito satisfeitas e que já haviam escrito para a Itália, mandando buscar parentes e fazendo elogiosas referências ao Piauí.³⁶

Há controvérsias a respeito dessa experiência de colonização. Teresinha Queiroz em seu texto fala de um relatório do delegado do Tesouro Federal no Piauí. Neste relatório diz que: “referia-se a essa imigração como um total fracasso que resultara na transferência das famílias para Amarante e, posteriormente, para Teresina, a fim de procurarem serviços que lhes proporcionassem a alimentação”.³⁷ A seguinte imagem retrata os trabalhadores da fábrica de Campinas.



FIGURA 1

³⁵ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita, Op. Cit. p. 55.

³⁶ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita, Op. Cit. p. 56.

³⁷ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Op. Cit. p. 56.

Trabalhadores da Fábrica de Laticínios de Campinas do Piauí (foto sem data)

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ozildo Abano

Observando a imagem³⁸ percebe-se alguns homens segurando um chapéu de abas largas, uma forte característica do homem nordestino, primeiramente por proteger melhor contra o sol. Há também duas mulheres negras no centro da porta. E do lado direito na janela tem duas mulheres brancas e uma criança e do lado esquerdo um homem, uma mulher e duas crianças, todos brancos. Os vestidos usados pelas as senhoras das janelas possuem mangas com babados, bastante pesado para o clima da região. O homem que se encontra na janela direita usa um chapéu com um molde diferente dos outros trabalhadores. Possui um modelo similar a uma boina.

A imagem também mostra uma forte predominância do homem negro, alguns de pés descalços, resquícios do período da escravidão, pois, “mas um detalhe é intransponível, ele tem que andar descalço. Como todos os escravos, ele não calça sapatos, sinal indisfarçável de sua condição de cativo”.³⁹ Segundo o dossiê de tombamento da fábrica de manteiga feito pelo IPHAN, o projeto da fábrica foi feito no sentido de inserir os negros recém-libertos: “É interessante perceber nesse material iconográfico a participação dos negros, ex-escravos ou seus descendentes que o Projeto tentava englobar ou na produção direta dos laticínios ou no fornecimento do leite”.⁴⁰

Ícaro Bittencourt cita em seu artigo uma análise feita por Cláudio Batalha com relação à composição racial dos trabalhadores da Primeira República, em que Batalha afirma que muitos pesquisadores erroneamente colocam que esta composição racial se trata predominante do trabalhador “branco, masculino, fabril e urbano”. Bittencourt atribui a inveracidade dessa afirmação a escassez de estudos,

[...] sobre as permanências e influências do trabalho escravo após a Abolição e sobre o destino dos recém libertos. Com uma análise mais cuidadosa dos indícios e com a disseminação de pesquisas regionais, a presença do afro-

³⁸ As imagens utilizadas nesse trabalho retratam os trabalhadores da fábrica de Campinas, cabe aqui ressaltar que é possível fazer uma história com imagens, que abandone uma epistemologia da prova, rumo à construção de uma leitura histórica que valorize o processo contínuo de produção de representações pelas sociedades humanas. Ver: MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. In: *Revista Métiis: história & cultura* — v. 5, n. 9, p. 11-13, jan./jun. 2006.

³⁹ ALENCASTRO apud LEITE, Marcelo Eduardo. *A representação do negro na fotografia brasileira um estudo das Cartes de Viste*. p. 4, 5. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307152498_ARQUIVO_Arepresentacaodonegronafotografiabrasileira.pdf. Acesso em 01 de Agosto de 2013.

⁴⁰ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. *Dossiê de Tombamento* da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano. Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008, p. 43. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2012.

descendente na composição da mão de obra industrial deverá ser mais bem evidenciada, pois, generalizar para todo o Brasil a presença dos imigrantes torna-se bastante problemática principalmente em locais onde o “trabalhador nacional” foi à única alternativa de mão de obra para os empreendimentos fabris.⁴¹

Contradizendo com a afirmação acima, não é correto afirmar que o “trabalhador nacional” era a “única opção de mão-de-obra”, pois, José Sampaio assinou um contrato de arrendamento, que estabelecia a instalação de núcleos de colonos estrangeiros nas fazendas nacionais, e neste contrato havia uma cláusula dizendo que o arrendatário das fazendas teria que implantar um projeto de colonização de imigrante nas fazendas, ou melhor, o contrato,

[...] previa a instalação de núcleos de colonos estrangeiros no território das Fazendas Nacionais. Ao contrário do que se poderia imaginar, a vinda desses colonos europeus não foi ocasionada por um suposto projeto de industrialização do sertão do Piauí a partir da Fábrica de Laticínios. Esses trabalhadores – ao todo 40 famílias – foram enviados para o trabalho na lavoura, sendo lotados nas Fazendas Pitombeira e Nazaré.⁴²

No dossiê de tombamento da fábrica como vimos na citação acima, estes italianos não vieram para trabalhar na indústria, mas, o fato é que analisando a entrevista feita com o único trabalhador da fábrica vivo e no vídeo gravado pelo IPHAN, eles falam de um mecânico italiano o Sr. João Monte Santo, o que montou todo o maquinário da fábrica. Como Sampaio trouxe 40 famílias para o Piauí, certamente alguns ficaram na fábrica. No dossiê de tombamento fala que a imigração foi fracassada, chegando a ter uma revolta por parte dos italianos.

Todavia, esta imigração, que se desenrolou alguns anos antes da inauguração da Fábrica, foi fadada ao fracasso. Os italianos rebelaram-se comandados pelo pedreiro Costa Carlo, amotinando-se na localidade Pitombeira. Muitos se revoltaram quando ainda se encontravam abrigados no Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara. Tudo agravado por uma epidemia de difteria que matou cerca de quinze crianças italianas, certamente levando ao desespero aqueles que vieram pensando em trabalhar, mas encontraram pela frente a morte, a dor e uma região semi-árida de difícil convivência. No calor dos conflitos que se gestaram com a ação italiana, os moradores da Vila de Colônia – onde ficava o Estabelecimento Rural – principalmente deputados, comerciantes e fazendeiros - saíram, em nota, na defesa de Sampaio, alegando que a “... conduta sediciosa de alguns dos colonos” nada mais era do que “... greve, tão comum na Europa e nos Estados do Sul do Brasil.”. Já para o delegado do governo italiano que acompanhava a formação do núcleo, tudo ocorrera em função da inaptidão dos colonos para a agricultura e do caráter violento das famílias.⁴³

⁴¹ BITTENCOURT, Ícaro. Op. Cit. p. 146.

⁴² ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. Op. cit. p. 41.

⁴³ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. Op. Cit. p. 41-42.

Marcos Vilhena fala a respeito desta revolta e diz que Sampaio foi informado “que os imigrantes da Pitombeira, liderados por um italiano de nome Costa Carlo, haviam iniciado uma revolta, e se dirigiam, armados, de volta a colônia, alguns deles exigindo repatriação e, outros, passagens para São Paulo”.⁴⁴ Este mesmo autor diz que na literatura esta revolta é mencionada vagamente e nestas escritas procurava “situar as causas do levante em fatores como a falta de adaptação ao clima, à alimentação e até mesmo o idioma”.⁴⁵ Com o fim desta revolta “permaneceram na região pouco mais de 50 pessoas, as quais deixaram muitos descendentes que hoje se espalham por alguns municípios da região central do Piauí, tais como Picos e Ipiranga”.⁴⁶

O trabalho na fábrica de Campinas era bem mais tranquilo do que nas fábricas do Rio de Janeiro e São Paulo, com exceção ao dia em que eles fabricavam gelo, pois, eram 48 horas destinadas a este serviço. Para fabricar o gelo era necessário passar o dia e a noite colocando lenha na caldeira para gerar a energia a vapor e ligar os motores. O gelo durava duas semanas, e o trabalho ficava mais sossegado. Com relação ao patronato, na fábrica de Laticínios variava, pois, se modificava com frequência de patrões, devido a fábrica pertencer ao Estado, quando mudava o Governo, trocava-se o funcionário. Eles eram chamados de Administradores e diferente das fábricas do Rio de Janeiro e São Paulo eles não possuíam mestres e contramestres para ajudá-los na disciplina do trabalhador dentro da fábrica. Apesar de existir muitas diferenças entre os operários dos grandes centros urbanos do Brasil e da fábrica de Laticínios em Campinas o que une esses trabalhadores é o fato de que todos compunham um grupo de trabalhadores que com a força da sua mão de obra contribuíram com o quadro econômico do Brasil no período da Primeira República.

Foi visto até aqui a história do movimento operário na Primeira República. As principais teorias sociais difundidas no Brasil: o socialismo científico e o anarquismo. A embrionária formação da consciência de classe. A participação das mulheres nas fábricas. O presente capítulo apresentou ainda como era a condição de vida dos operários, questão de moradia, salubridade, carga horário de trabalho. E por último fizemos um paralelo entre os trabalhadores de São Paulo, Rio de Janeiro com os da fábrica de Laticínios em Campinas do Piauí. Agora iremos analisar com mais detalhe os depoimentos de pessoas que presenciaram o funcionamento da fábrica de dentro e de fora, e conheceremos o ambiente interno da fábrica.

⁴⁴ VILHENA, Marco Aurélio Gonçalves de. Op. cit. p. 79

⁴⁵ Idem, *ibidem*.

⁴⁶ ESTABELECIDAMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. Op. cit. p.42.

2 “FÁBRICA DE LATICÍNIOS PURO LEITE”: IDEALIZAÇÃO DO VISIONÁRIO ANTÔNIO JOSÉ DE SAMPAIO

A fábrica de laticínios de Campinas do Piauí tem como fundador o engenheiro Antônio José de Sampaio. A insistência e a perseverança foram características dominantes para os grandes feitos deste visionário.

Para entendermos como era a fábrica, todo o seu processo de funcionamento e relações de trabalho vamos utilizar depoimentos de pessoas que tiveram contato com a fábrica de forma direta ou indireta. Para a realização dessa história temos a memória como principal fonte, por esta ser entendida como “uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”.¹ E assim suscitaremos essa para que o tempo não faça seu trabalho de esquecimento das gerações que nos antecederam e não tiveram seus nomes inscritos na história.

Existe uma grande preocupação dos mais velhos em não deixar a sua história de vida e a dos seus antepassados morrerem. Em pesquisas feitas durante a realização deste trabalho observamos essa inquietação por parte dos mais velhos, pois, segundo eles a nova geração não demonstra muito interesse em escutar as histórias que eles têm para contar. Com relação à tradição oral é importante ressaltar que: “o dia-a-dia está repleto de inconsistências, diferenças de opinião, e reivindicação conflitantes. A tradição oral é um meio de resolver esses conflitos. As pessoas refletem sobre suas tradições orais para dar sentido á ordem social vigente”.²

A primeira parte desse capítulo será dedicada ao sujeito José Sampaio. Na segunda parte direcionaremos um olhar para aqueles que administraram as fazendas nacionais. Em seguida faremos um passeio histórico por dentro da fábrica, conheceremos a sua estrutura e faremos uma reconstituição do prédio, ou seja, mostraremos como ele era e como ele se encontra atualmente.

2.1 Antônio José de Sampaio: quando tudo começou

Antônio Sampaio nasceu na Freguesia de Nossa Senhora do Livramento, hoje José de Freitas.³ Filho de Antônio José de Sampaio e de Rosa Merolina de Jesus. Oriundo de uma

¹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 9.

² AMADO, J.; FERREIRA M. M. *Usos & abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 153.

³ José de Freitas fica a 48 quilômetros distante da Capital do Piauí. Primeiramente a cidade José de Freitas se chamava fazenda Boa Esperança, através da lei provincial 945 de 1877 a fazenda passou a se chamar Vila do Livramento. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Freitas. Acesso em: 27 de Março de 2013.

família abastada que priorizava o estudo. Sampaio casou-se com a Senhora Augusta Franco de Sá, com quem dividira a inquietação desse empreendimento.⁴

Existe uma ausência enorme de fontes e documentos que tratam a respeito da biografia de José Sampaio. Marcos Vilhena escreveu um livro que aborda a história de vida de José Sampaio, onde ele conta a dificuldade que foi para encontrar fontes e juntar toda a documentação para se entender a trajetória de Sampaio “tudo que foi consultado, teve que ser considerado uma fonte preciosa e a análise das mesmas levou em consideração, inclusive, as lacunas, os imensos vazios que mais pareciam revelar dúvidas e perguntas do que respostas”.⁵

O engenheiro Luís Mendes Ribeiro Gonçalves⁶ que assumiu uma vaga na Academia Piauiense de Letras, logo em seguida “escolheu como patrono para a cadeira que passaria a ocupar, o também engenheiro Antônio José de Sampaio”.⁷ No dia da posse de Ribeiro Gonçalves⁸, ele pronuncia um discurso falando a respeito de Sampaio. Depois disso escreveu alguns artigos falando da “vida e personalidade” de Antônio José de Sampaio. A biografia feita por Ribeiro mostra a infância de Sampaio que já seria marcado pela “genialidade e inquietação de seu biografado já começariam a despontar, projetando dessa forma, na infância de Antônio José de Sampaio, o gênio que ele se tornaria no futuro”.⁹ Essa inquietação é passada pelo autor Ribeiro Gonçalves da seguinte forma:

Aquele menino de olhos grandes, arregalava-os para o cenário circundante, em muda contemplação ansiosa, como a interrogá-lo. Instava por conhecer a razão de tudo. Muitas vezes, deitado à sombra de uma árvore ou à varanda da casa da fazenda, punha-se a meditar sobre o espetáculo daquele mundo em que se movimentava e de que (sic) fazia parte, sendo-lhe, entretanto, desconhecido, passava, então, longos momentos em indagações silenciosas... Por que mudam os ventos, ora soprando numa direção, ora noutra? De onde vêm as nuvens? Por que correm, avolumando-se ou esgarçando-se em rumo variados? Por que é fixo o azul do céu? Qual o motivo de variar a cor verde das folhas, não raro a mesma árvore? E a coloração das flores, e às vezes da mesma flor, por que muda? Sentem os vegetais, como os animais? E os minerais, por que não sentem?... Tais e tantas perguntas lhe ficavam a provocar o raciocínio à procura de explicações.¹⁰

⁴ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. *O Vôo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão*. Teresina: Halley, 2006.

⁵ Idem, p. 31.

⁶ Segundo Marcos Vilhena um dos artigos falando da biografia de José Sampaio encontra-se no livro: RIBEIRO GONÇALVES, Luís Mendes. *Impressões e perspectiva*. Brasília, [s.e.], 1980.

⁷ VILHENA, op. Cit. p. 32.

⁸ Luís Mendes Ribeiro Gonçalves foi um engenheiro civil, geógrafo e político brasileiro que foi senador pelo Piauí em Julho de 1935 pelo voto indireto. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Mendes_Ribeiro_Gon%C3%A7alves. Acesso em: 04 de Agosto de 2013.

⁹ VILHENA, op. Cit. p. 33.

¹⁰ Idem, ibidem.

Tal inquietação motivou Antônio José de Sampaio sair de sua cidade para estudar, assim como muitos “estudantes piauienses que abandonam a terra natal em busca de prestígio e reconhecimento, a partir da segunda metade do século XIX”.¹¹ Sampaio seguiu na direção da “Europa da ciência, da tecnologia e da indústria era pra onde o conduziam os ventos de sua ambição latente”.¹² Vilhena no seu livro faz referência à formação de Sampaio, no entanto, segundo ele, há contradições sobre a formação intelectual do mesmo, porém é importante frisar que “esta formação acadêmica se desenvolveu, senão completamente, em boa parte na Suíça e que os anos de estudos no exterior foram cruciais para a formação psicológica e intelectual de Sampaio”.¹³ A principal fonte informa que Sampaio se tornou “bacharel em letras por Weisthertur”¹⁴, engenheiro industrial pela Escola Politécnica Federal da Suíça e doutor em ciências físicas e naturais pela Universidade de Zurique”.¹⁵

Ainda com relação à formação intelectual de Sampaio, Marcos Vilhena fala de um distanciamento de Sampaio com a sua terra natal e conseqüentemente da elite piauiense:

Apesar de Sampaio ter nascido no Piauí, a sua trajetória de vida – principalmente em relação à formação intelectual – provavelmente o tenha distanciado da elite piauiense de seu tempo. De volta à província, Sampaio pode ter-se revelado um corpo estranho e distante.¹⁶

Um “corpo estranho e distante”, como diz Marcos Vilhena, por ter passado tanto tempo estudando fora. Quando chegara ao Piauí não se deparou com aquele “mundo de progresso” que ele estava acostumado a ver, ou seja, “Antônio José de Sampaio foi *desenraizado* em relação ao seu tempo”¹⁷ e ainda “associava o atraso piauiense ao descaso da elite agrária do estado”.¹⁸ Sampaio chegou ao Piauí com as ideias fervilhando em sua cabeça, tais ideias se baseiam no progresso do Estado piauiense.

A autora Odeth Vieira da Rocha descreve algumas características físicas de Sampaio e sua personalidade: “Branco, cabelos louros, bigode bem aparado, bem vestido, relógio de correntão de ouro, pendurado no colete, o Dr. Sampaio na sua elegância e bondade cativava

¹¹ VILHENA, op. cit. p. 41.

¹² Idem, *ibidem*.

¹³ Idem, p. 41.

¹⁴ Marcos Vilhena diz que quando a autora Zilmar Ibiapina Meneses se refere a Weisthertur, na verdade, provavelmente ela quis dizer Winterthur, cidade Suíça pertencente ao cantão de Zurique, que possui uma certa tradição nos cursos de graduação em letras.

¹⁵ MENESES apud VILHENA, Op. Cit. p. 41.

¹⁶ VILHENA, Marcos. Op. cit. p. 17.

¹⁷ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. Op. cit. p. 19.

¹⁸ Idem, p. 17.

os moradores pelo fino trato que dava a todos”.¹⁹ Podemos ver algumas dessas características na seguinte imagem de José Sampaio.



FIGURA 2

Foto de José Antônio Sampaio, 1905

Fonte: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>

As imagens utilizadas neste trabalho têm a intenção de passar para o leitor uma ideia de que a fotografia é uma representação do mundo através do olhar, para que assim o conteúdo possa ser assimilado de forma que o leitor apreenda em seu imaginário as imagens do passado e reconstrua uma ambientação fidedigna ao recorte temporal utilizado nessa pesquisa.

A fotografia é uma convenção do olhar e uma linguagem de representação e expressão de um olhar sobre o mundo. Nesse sentido, as imagens são ambíguas (por sua natureza técnica) e passíveis de múltiplas interpretações (em relação ao meio através do qual elas circulam e do olhar que as contempla). Por isso, para a sua interpretação, são necessárias a compreensão e a desconstrução desse olhar fotográfico, através de uma discussão teórico-metodológica, que permita formular problemas históricos e visuais, no sentido de que a dimensão propriamente visual do real possa ser integrada as pesquisas históricas.²⁰

¹⁹ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. Cit. p. 117.

²⁰ MONTEIRO, Charles. *Fotografia, história e cultura visual*. Pesquisas [recursos eletrônico] Charles Monteiro (org.). – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 13. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs>. Acesso em 23 de Dezembro de 2012.

Sampaio investiu tudo o que tinha nesse projeto até o “dote de trinta contos de réis que a esposa recebeu no casamento, ele meteu nas fazendas”.²¹ A senhora Augusta partilhava dos sonhos de Sampaio, além do mais, ela:

Nem um pouco se importara Augusta que ele tivesse enterrado até o último tostão de seu dote de casamento naquele sonho, que passou a também ser dela. Que imagem bonita as rendeiras reunidas em frente à fábrica! Quantas daquelas rendas não estarão agora pela Europa... As rendas dos Campos. As rendas de Dona Augusta Sampaio. Não fora somente ele a despertar o espanto e o deslumbre daquela gente simples, ao ativar pela primeira vez as caldeiras, ao acionar o apito da fábrica, ecoando pelo vale de campos verdes. Também os acordes do piano de Augusta acenderam o brilho nos olhos dos camponeses que se reuniam a cada noite para ouvi-la tocar. Ao menos isso: o brilho nos olhos daquelas pessoas, o espanto o deslumbre, o dinheiro sentido pela primeira vez nas mãos, a dignidade. Não, nem todos os homens eram pobres. Ali havia pureza, decência. Ali haveria de ser sempre lembrado, admirado, respeitado. Entre rendeiras e camponeses do sertão do Piauí, construíra os mais sólidos alicerces de sua carreira de engenheiro.²²

A Senhora Augusta Franco de Sá Sampaio também contribuiu com o desenvolvimento de Campos, atual Campinas do Piauí. Além de aperfeiçoar o trabalho das rendeiras, e vendendo as rendas para Europa, ainda ajudou seu esposo Antônio José de Sampaio a recrutar “os caboclos para o trabalho, para a produção”.²³ E assim, nesse tempo “o dinheiro corria como água nas mãos dos moradores. Foi tempo em que todo mundo juntou boró”.²⁴ Uma das entrevistadas a Senhora Socorro Alves²⁵ lembra um fato relacionado a este momento:

Ela um dia conversando com as mulheres, ela perguntou o que elas faziam, além de ir pra roça [?] elas disseram que faziam renda, porque naquele tempo as mães ensinavam as filhas. Faziam almofadas de bilros. Eu cheguei a conhecer a almofada de bilro, faziam uns bicos lindos. Ela se comprometeu de ensinar as mulheres a aperfeiçoarem o trabalho da renda que elas já faziam. Todo final de semana ela media aquela renda, encaixotava e mandava para a Suíça, e as rendeiras se achavam muito felizes com isso, e recebiam o dinheiro. O dinheiro era muito. Naquele tempo os maridos eram pobres, tinham muito sacrifício para criarem os filhos, e nesse tempo acho que amenizou mais o sofrimento das pessoas dessas regiões.²⁶

²¹ ROCHA, Odeth Vieira da. *Maranduba*: memória do Nordeste contada de voz de mãe para filho, de avó para neto para que não se percam nossos começos e tropeços. Rio de Janeiro: Sindical, 1994, p. 119.

²² VILHENA, Op. Cit. p. 26, 27.

²³ Idem, p. 26.

²⁴ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit. p. 119.

²⁵ Maria do Socorro Alves de Moura, nasceu na localidade Canudos, que pertencia à cidade de Simplício Mendes, em 01 de Março de 1939. Conhecida por Socorro Alves. É neta de um dos trabalhadores da fábrica. Atualmente mora em Campinas Piauí. A Senhora Socorro Alves é uma das pessoas que lutam pelo projeto de restauração da fábrica. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Campinas, 2012.

²⁶ MOURA, Maria do Socorro Alves de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Campinas, 2012.

As terras onde a fábrica ficava localizada pertenciam inicialmente ao sertanista Domingos Afonso Mafrense. Com a divisão das fazendas em Inspeções a área que compreende a fábrica era de incumbência da Inspeção Nazaré.

Assim como Oeiras, a antiga capital do Piauí, cuja origem remonta a uma das fazendas do sertanista Domingos Afonso Mafrense, a fundação da cidade de Campinas, no sertão e da cidade de Floriano, às margens do Parnaíba, já no século XIX, também se vinculam a essas terras. O sertanista, ao morrer, em 1711, deixou aos jesuítas muitas léguas de terra, depois ampliadas por doações e compras que, após a sua expulsão, em 1760, incorporaram-se ao patrimônio real, divididas nas Inspeções de Nazaré (Floriano), Canindé (Campinas) e Piauí.²⁷

A história da fábrica de laticínios da fazenda Campos coincide com a história do Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara, “A Fábrica como uma iniciativa de industrialização do leite das Fazendas Nacionais com a produção de manteiga e queijo; o Estabelecimento Rural, uma escola fundada nos tempos do Império para dar instrução para crianças provindas das mesmas, libertas após a Lei do Ventre Livre, de 1871”, pois as proximidades destes dois estabelecimentos são tidas como “testemunhas da ocupação do Piauí durante os séculos XVIII e XIX”.²⁸

Antônio Sampaio arrendou as Fazendas Nacionais, num contrato de nove anos. Neste contrato tinha prazo para começar o funcionamento da fábrica, “o governo arrendou em condições de a fábrica funcionar nem que fosse um dia, más tinha que funcionar, com leite, era uma obrigação”.²⁹ No dossiê escrito por José Sampaio intitulado *Injusta rescisão do contrato de arrendamento das fazendas nacionais*, diz que: “O arrendatário chega-se a montar em tempo o maquinismo necessário para o fabrico de queijo, manteiga, leite condensado e outros produtos, pelos processos modernos e aperfeiçoados”.³⁰

Em 26 de abril de 1889, Antônio José de Sampaio assinou o contrato de arrendamento das fazendas nacionais do Piauí. O arrendamento englobava as doze fazendas do departamento de Canindé e as cinco outras fazendas que compunham o estabelecimento rural de São Pedro de Alcântara, bem como todo o gado e edificações existentes nas dezessete fazendas, então subdivididas em vinte e quatro. Pelo contrato, previsto para durar nove anos,

²⁷ DOSSIÊ DE TOMBAMENTO. *Estabelecimentos das Fazendas Nacionais do Piauí*. A ocupação do Piauí durante os séculos XVIII e XIX. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência do Piauí. VOL. I, 2008, p. 09. Disponível em: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2012.

²⁸ Idem, p.09.

²⁹ DVD com vídeo. *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí*: uma história contada pelos seus trabalhadores, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007. Depoimento do Senhor José Mariano Filho (Senhor Cazuza).

³⁰ Idem

Sampaio se comprometia a pagar a quantia de vinte contos de réis anuais, obrigando-se o governo a vender todo o patrimônio ao arrendatário no final do contrato, por quatrocentos contos de réis.³¹

Sampaio arrendou as Fazendas na condição de cumprir as obrigações exigidas no contrato de arrendamento. Nesse contrato assinado por Sampaio as principais obrigações apontadas por Odeth Rocha seriam:

- 1 – Fundar núcleos coloniais nas terras arrendadas com colonos estrangeiros e nacionais.
- 2 – Melhorar a criação de gado com reprodutores de raças finas.
- 3 – Montar uma fábrica de laticínios com técnicos europeus.
- 4 – Montar um estabelecimento para o preparo da carne seca e produtos congêneres.
- 5 – Desenvolver a lavoura.³²

Com o contrato assinado a preocupação de Sampaio era encontrar um local adequado para a construção da fábrica “O Dr. Sampaio e dona Augusta, sua esposa, percorreram as fazendas até as cabeceiras do Canindé e escolheram o melhor local para a construção da fábrica”, o local escolhido foi “Campos, Retiro da fazenda Castelo, junto dos olhos d’água das Aningas, vinte léguas distante de Oeiras e quarenta de Colônia, perto do rio Parnaíba”.³³

Os campos verdes do vale, cobertos pelo capim mimoso, representavam a melhor fonte de pastagem natural das fazendas nacionais, além de possuírem uma fonte de água oriunda dos olhos d’água das Aningas, decorrendo daí que era nessa região que se localizava o melhor rebanho de gado das fazendas arrendadas por Sampaio.³⁴

A Senhora Socorro Alves na sua fala complementa o motivo da preferência do local. A localidade Campos foi escolhida para a instalação da fábrica por que “o rio Canindé [...] banha o município de Campinas e devido a grande quantidade de gado existente na região”.³⁵ Realmente o local escolhido no perímetro das fazendas nacionais não poderia ter sido melhor, pois, o lugar ficava centralizado entre todos os Retiros que forneciam o leite para fábrica, então, o local escolhido foi um ponto estratégico.

Sampaio partiu para Europa em 1894, no intuito de comprar o maquinário para a fabricação dos produtos destinados a fábrica. Vilhena afirma que Sampaio além de ir adquirir o material também contratou pessoas técnicas especializadas para a montagem de toda a aparelhagem. No entanto, Sampaio tinha outro objetivo, “o de recrutar trabalhadores para as

³¹ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. Op. cit., p. 64.

³² ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit. p. 116.

³³ Idem, p. 117.

³⁴ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. Op. cit., p. 72.

³⁵ MOURA, Maria do Socorro Alves de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

fazendas nacionais, cumprindo assim mais uma das exigências contratuais, no sentido de iniciar uma corrente imigratória para fins de colonização”³⁶, Sampaio recrutou trabalhadores imigrantes para cumprir uma das exigências do contrato. Depois disso, outro empecilho encontrado por José Sampaio foi com relação ao transporte do maquinário:

Embalado em grandes caixas e transportado de navio da Europa até a cidade de Parnaíba, no extremo norte do Piauí, o maquinário seguiu depois no trajeto, subindo o rio Parnaíba em barcaças movidas a vapor, até o porto da Colônia de São Pedro de Alcântara. Junto com o maquinário, Sampaio trouxe carrilhões de ferro destinados a conduzir as pesadas peças até o local da fábrica, situado a aproximadamente duzentos e quarenta quilômetros do local de embarque. Para que todo o material chegasse até seu destino, Sampaio abriu uma estrada ligando a Colônia de São Pedro de Alcântara até Campos. No trajeto, teve ainda que construir uma ponte sobre o rio Itauera, para dar passagem aos carrilhões, puxados por bois. Segundo relatos, em grande parte do trajeto foi necessário abater o gado e estender o couro sobre a estrada, a fim de facilitar a passagem do pesado material que seguia arrastado.³⁷

As memórias foram importantes para entendermos esse contexto, através delas esse trabalho ganhou um rumo. É sempre interessante ressaltar que se trata de memórias fragmentadas tendo no esquecimento um grande problema. Com relação ao esquecimento Halbwachs diz que “Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeava”.³⁸ Como a população de Campinas está dispersa os entrevistados são de diversas localidades, ou seja, não se perdeu um contato por completo, às vezes, os entrevistados se reveem em mês de férias.

No livro de Odeth Vieira da Rocha intitulado *Maranduba*³⁹ fala da importância da história oral, pois, “a escrita é uma reprodução da fala”, então, alerta a importância de darmos vozes às pessoas simples nordestinas,

A relação íntima com a natureza chega ao panteísmo. Nestes enredos nordestinos, a terra e principalmente a água têm um lugar privilegiado no afeto do contador e na preferência do ouvinte. As populações do asfalto precisam destas descrições de “dentro” do vento, da chuva, do sol, da terra rachada pela seca, do retorno ao primeiro dia da criação com a explosão verde detonada pelas primeiras chuvas.⁴⁰

Uma das pessoas entrevistadas chama-se José Belém de Sousa, um senhor muito simpático e bastante lúcido. Em 17 de Dezembro de 2013 o Senhor José Belém completa 93

³⁶ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. Op. Cit. p.73.

³⁷ Idem, p. 73, 74.

³⁸ HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. 2. Ed. Tradução de Laurent León Schaffter. Vértice. Paris, 1968, p. 32.

³⁹ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. Cit. p.08.

⁴⁰ Idem, ibidem.

anos e a sua memória está em perfeito estado. Trabalhou na fábrica por muitos anos, em média de 30 anos. O depoente narra assuntos relacionados ao cotidiano, relações de trabalho, padrões, carga horária, lazer, entre outros temas. A memória do Senhor José Belém preserva informações importantíssimas, a essa observamos a sua importância, uma vez que, segundo Le Goff ⁴¹, “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.



FIGURA 3

José Belém de Sousa (fotografado em 16 de março de 2013) – Trabalhou na fábrica de laticínios em Campinas Piauí

Fonte: Arquivo pessoal de Joyce Nunes de Moura

O depoente José Belém fala a respeito da fábrica de laticínios e dos seus fundadores. O seu avô é oriundo de Campinas do Piauí, já sua avó nasceu em Oeiras, quando esta ainda era Capital do Piauí, ou seja, ele tem dados do período da fundação da fábrica, sendo o único entrevistado que conta com propriedade a respeito deste período. O Sr. José Belém nasceu em 1920, e começou a trabalhar na fábrica auxiliando o seu avô José Benedito de Sousa com 15 anos de idade, onde o mesmo passava pra ele o ofício. Ele conta como foi à recepção do maquinário em Campos.

⁴¹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419.

Eles contam que quando foram receber o maquinário, foram desembarcar em Porto de Amarração em Parnaíba. De lá subiram com este maquinário pra Colônia que hoje é Floriano, nesse tempo tava colonizando Floriano, da Colônia foram pra Campinas, para os Campos, lá antes de ser cidade era Campos, foram em carros de boi. Ai no dia que chegaram as primeiras ferramentas foi uma cachaça maluca (risos), dizendo o meu avô, e os outros lá contam a mesma coisa.⁴²

O único trabalhador da fábrica que ainda está vivo é o Senhor José Belém. O localizamos e o entrevistamos. No momento em que ele está relatando o acontecido, parece que ele está revivendo aquilo naquele exato momento, e o que o seu avô lhe passou é como se ele também estivesse vivido. Com relação a essas lembranças Lucília Delgado diz:

Mas a relação memória e tempo não vividos não se situa somente no terreno da vida pública. A saudade, ou então a execração de algum tempo que já passou, acontece também no terreno da vida privada. São lembranças disseminadas de geração a geração, por familiares e amigos, que, muitas vezes, ao qualificá-las segundo sua visão do que passou, influenciam ou mesmo determinam sua representação no presente.⁴³

José Sampaio contou com a ajuda do engenheiro Alfredo Modrak, tanto para a transportação do maquinário da Europa para Campinas quanto para a edificação do prédio da fábrica.

Para abrigar os equipamentos e sediar a fábrica de laticínios, Modrak e Sampaio construíram um majestoso edifício, grande parte dele composto de dois andares, ocupando uma área de aproximadamente oitocentos metros quadrados, nos quais se distribuía vinte e seis compartimentos, alguns deles destinados ainda ao funcionamento de uma funilaria, uma fábrica de gelo, uma serraria e uma estação meteorológica. No dia 09 de abril de 1897 ecoou pelo vale do sítio de Campos, pela primeira vez, o estrondoso apito da fábrica, anunciando o início da produção de manteiga.⁴⁴

Então, a fábrica foi inaugurada, começou a funcionar, mas antes dela dar o seu primeiro apito teve em frente à fábrica uma missa campal celebrando a sua inauguração, “o padre José⁴⁵ veio de Oeiras rezar a missa de ação de graça, missa campal, mesmo em frente à fábrica. Depois da missa a fábrica começou a funcionar. O barulhão das máquinas, apitos e a chaminé soltando fumaça marcavam uma nova era em Campos”.⁴⁶

⁴² José Belém de Sousa, conhecido pelo povo de Campinas por Seu Zezinho, nasceu em Campinas do Piauí em 17 de Dezembro de 1920. Trabalhou na fábrica de laticínios como foguista. Atualmente mora em Teresina Piauí. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

⁴³ DELGADO, Lucília de Almeida Neve. *História Oral – memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.18.

⁴⁴ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. Op. cit., p. 75.

⁴⁵ Não encontramos o nome completo do Padre José. As informações dadas foram muito vagas.

⁴⁶ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit., p.118.



FIGURA 4

Alfredo Modrak (foto sem data)

Fonte: DVD *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, IPHAN.

O Senhor José Belém se lembra do seu avô contar o quanto inteligente o Alfredo Modrak era. As coisas eram feitas tudo com materiais da melhor qualidade, até a lenha que eles utilizavam na caldeira era uma lenha especial, como relata:

Era uma coisa tão importante que até a lenha vinha de uma distância de mais ou menos seis quilômetros, esse lugar se chamava ladeira de Modrak, agora esse nome se perdeu. Modrak foi caçar o lugar pra tirar a lenha. A lenha era toda de angico⁴⁷ no tempo dele, já no meu tempo era lenha de caneleiro, porque a lenha de angico [?] Porque durava o calor a brasa acesa e essa outra dava muito trabalho pra gente aguentar o fogo com lenha fraca, se não mexesse de vez em quando baixava a temperatura, a caldeira baixava as libras de fogo. E ai no tempo de Modrack era lenha de angico, a brasa faltava era não apagar. Era mais maneiro pra gente trabalhar, nós ainda trabalhamos com lenha de angico, mas ficou difícil carregando lenha em animal era uma dificuldade grande. Ai ficou tirando a lenha de todo jeito, se cochilasse abaixava a pressão porque o motor começava a ficar fraco.⁴⁸

Sampaio foi o arrendatário “da paz” como diz Odeth Vieira, diferente dos anteriores arrendatários, que tratavam as pessoas com todas as atrocidades existentes. Como o próprio

⁴⁷ Angico do cerrado, esta espécie pode atingir alturas de 8 a 16 metros de altura, com tronco revestido por grossa casca suberosa, de 30-50 cm de diâmetro. Madeira pesada, compacta, não elástica, rija, de grande durabilidade sob condições naturais. Sua madeira é própria para construção civil, como vigas, caibros, tábuas para assoalhos, dormentes e para o uso em carpintaria e marcenaria. A casca serve para curtir o couro. Disponível em: <http://www.florestasnativas.com.br/ANGICO-DO-CERRADO>. Acesso em 29 de março de 2013.

⁴⁸ SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

Sampaio diz “Não vim maltratar nem expulsar ninguém das fazendas. Conto com a sua ajuda. Trabalho não faltará para quem quiser ganhar dinheiro”.⁴⁹ No entanto, Sampaio não teve um fim digno de sua bondade, como afirma Vilhena, “No ano de 1906 o espírito inquieto de Antônio José de Sampaio enfim encontrou sossego. Pobre amargurado e com a saúde debilitada, Sampaio faleceu no Rio de Janeiro, tendo ao seu lado apenas a companheira, Augusta Franco de Sá Sampaio”.⁵⁰ A ousadia de José Sampaio é intrigante, pois, emergir uma indústria no Piauí na época sem nenhuma estrutura, e no final de sua trajetória no Piauí:

[...] distante de sua terra natal, regurgitando a vergonha por ter assistido ao desmoronar de uma vida, perseguido até se esgotarem as últimas forças de seu corpo, as quais desgastaram na tentativa de materializar o primeiro – e provavelmente até hoje o mais ambicioso – projeto privado de desenvolvimento agroindustrial do Piauí.⁵¹

As próximas páginas deste capítulo referem-se aos administradores da fábrica e ao espaço interno da fábrica com relação a sua estrutura física, faremos um passeio tentando reconstruir através da memória o espaço que se formou a fábrica.

2.2 Os administradores: Histórias e memórias pitorescas

Antes de José Sampaio as fazendas tiveram outro arrendatário o major Políbio Rodrigues. Esse processo de arrendamento foi logo depois da “fundação de São Pedro de Alcântara, o governo central adotou uma política de transferir para particulares, por meio de arrendamento, a administração de parte das fazendas nacionais”.⁵²

Com isso, no ano de 1878 foi firmado um contrato de arrendamento das seis fazendas restantes pertencentes ao departamento de Nazaré, bem como todo o departamento Piauí – composto por mais de 11 fazendas – ao major Políbio Rodrigues Fernandes, por um período de nove anos, cabendo ao major o pagamento anual de dez contos de réis.⁵³

A sua administração foi terrível, Políbio abusava da sua autoridade, “Depois da guerra do Paraguai, veio como administrador das fazendas, o gaúcho Políbio, oficial de cavalaria, homem inculto e metido a valentão”⁵⁴. Odeth Vieira da Rocha complementa a respeito de Políbio:

⁴⁹ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit., p. 117.

⁵⁰ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. Op. cit. p. 27.

⁵¹ Idem, ibidem.

⁵² Idem, p. 61.

⁵³ VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. Op. cit. p. 61.

⁵⁴ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit. p. 113.

De chapéu de abas largas, ponche pala, bombachas, esporas chilenas, respeitável rebenque preso ao punho e armado até os dentes, o agigantado Polábio percorria as fazendas montando em cavalo arreado à gaúcha, a cometer tropelias, a surrar e expulsar agregados, queimando-lhes as casas e roças, por motivos fúteis ou sem motivo algum, por perversidade ou mera gauchada... Tanto fez o desalmado administrador que, um dia, ao levantar a mão com um fósforo aceso para atear fogo à palhoça do caboclo Cajazeira, este o matou com um tiro de bacamarte.⁵⁵

Ao que concerne à memória, é importante salientar que existem “[...] nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.⁵⁶ Tendo em mente que as lembranças possuem estas “zonas”, adentramos ao mundo da memória. Nas entrevistas feitas percebe-se que muitos silenciavam, lembrava do fato mas tinha medo de falar certos assuntos.

O Senhor José Belém lembra que seu avô Ihe contava histórias que se referem ao administrador Polábio, ele conta a respeito da morte do mesmo.

O Polábio foi o Cajazeira que matou, aqui na Ribeira do Muicatá, perto de Floriano. E levaram o Cajazeira preso pra Oeiras e lá Cajazeira adoeceu, ai Cajazeira morreu, levaram ele no caixão pra ser enterrado, ai alguém disse: não pode ter sido um ataque, vamos deixar pra botar terra amanhã. Quando amanheceu o dia, amanheceu só o caixão limpo, Cajazeira levantou e foi embora (risos).⁵⁷

Depois do Polábio outro arrendatário veio para administrar as fazendas. Foi à vez do engenheiro piauiense José Sampaio, como vimos anteriormente. Depois de José Sampaio, veio o seu primo o Comandante Gervásio Sampaio. Esta parte da história os entrevistados não contam. Existem relatos no livro de Odeth Rocha que este primo de Sampaio o traiu juntamente com o Marechal Pires Ferreira. Devido Sampaio dever ao Banco União quando fora chamado ao Rio de Janeiro para renovar sua dívida, já não encontrou portas abertas.

Os invejosos tramaram tudo. O Marechal Pires Ferreira fez-lhe uma proposta:

- Cubro sua dívida no Banco União desde que faça minha política no Piauí.

O dr. Sampaio negou-se dizendo não ser político, apenas um engenheiro querendo fazer alguma coisa pela Terra.

Então, o marechal foi por detrás e junto com o conde Modesto Leal, comprou sua dívida no Banco União e conseguiu do governo o distrato do seu contrato, tomando-lhe assim as fazendas. Nomeou um novo arrendatário, o seu sobrinho, Gervásio Sampaio, comandante da Marinha. O comandante

⁵⁵ AGUIAR, E. As fazendas estaduais. *O dia*, n. 73, 22/06/1952. Apud ROCHA, Odeth Vieira da. 1994.

⁵⁶ POLLAK, Michael. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15

⁵⁷ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Teresina, 2013.

da marinha era primo e maior amigo do Dr. Sampaio. É como lá diz: parente tem dente e morde a gente.⁵⁸

Logo depois do comandante Gervásio, entrou o coronel Ângelo Acelino de Miranda, este arrendou as fazendas nacionais, “com a baixa de maniçoba, o comandante Gervásio, rico de dinheiro e de gado, desinteressou-se pelas fazendas e vendeu o seu contrato de arrendamento por cento e cinquenta contos de réis para o coronel Ângelo Acelino de Miranda”.⁵⁹ Senhor José Belém lembra de muitas histórias deste administrador, pois, o Ângelo Acelino segundo ele, saiu de lá em 1926, ele estava com seis anos de idade, e diz que ainda lembra deste arrendatário:

Eu ainda o conheci, eu me lembro, ele era moreno, não era branco não, branca era a mulher dele a dona Rosinha. Ele era um morenã. Minha bisavó Euzébia era rendeira, fazia renda, umas almofadas de bilros, ela fazia renda pra mulher dele. Lembro-me demais, eu menino más ainda me lembro, que vi um dia ela vindo a pé ai na casa da velha, da minha bisavó, receber a renda, ela toda vestidona.⁶⁰

O coronel Ângelo Acelino foi tão ruim quanto o Políbio, ele veio de São Raimundo Nonato “invadia as palhoças dos moradores, dando-lhes prazo de vinte e quatro horas para retirar-se das fazendas”.⁶¹ Senhor José Belém dá exemplos da maldade deste arrendatário:

Contaram pro Ângelo Acelino que lá no Retiro do Canto do Jorge, que era onde um garimpeiro chamado Vicente morava. Disseram que Vicente estava fazendo requeijão de leite gordo. Quer dizer, contaram a ele que Vicente tava roubando o leite que era de vir pra fábrica. Diz meu avô, que quando Vicente chegou com o leite, o coronel Ângelo ele era cangaceiro ele tinha muito homem no rifle, meu pai era um dos jagunços do rifle, cangaceiro dele, veio de Pernambuco ai vivia com um rifle atravessado na lua da cela. Pois bem, Vicente chegou com o leite e subiu, quando chegou o coronel Ângelo falou pra ele: Vicente o leite ta faltando, você ta roubando o leite [?] Disse na cara dele, então o Vicente respondeu: não seu Ângelo num ta faltando não. Ai o Ângelo disse que tava e chamou-o de negro ladrão, e ele voltou o nome pra ele. Um coronel administrador com autoridade mostra que todo mundo tinha medo dele, e ele voltou o nome. Ai as pessoas que trabalhavam pra ele na fábrica, os que trabalhavam em cima. Como a caldeira era em baixo meu avô não foi. Os que trabalhavam lá avançaram pra pegar ele e não pegou, ele pulou lá embaixo, não desceu nem pela escada desceu de parapeito. Correu lá pro Retiro, chegou lá pegou a troçaria e correu pra Salinas. Ele sabia que o Ângelo era valente e chegou lá dois tios dele Chico Rico e Zé Gabriel. Pegaram ele e vieram deixar aqui em Amarante. Vicente correu e Ângelo convocou o carro palmatória que era a autoridade em Oeiras levando um bocado de soldado. Tinha um cunhado de Acelino que era

⁵⁸ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit. p. 120-121.

⁵⁹ Idem p. 124.

⁶⁰ SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

⁶¹ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit. p. 124.

vaqueiro no Castelo, era cangaceiro também de São Raimundo Nonato, ai levaram pra Campinas e ajuntou uns 20 a 30 homens e foram atrás de Vicente nas Salinas. Vicente já tinha corrido. Lá nas Salinas eles queimaram tudo, tudo, toda a propriedade, não deixou nada em terra. As pessoas não foram queimados porque correram.

Ai voltaram pra Campinas. De Campinas foram pra Simplício Mendes em um dia de feira, o Ângelo Acelino ia montado e os outros iam a pé, ele montado num cavalo, chapéu de vaqueiro, e o rifle atravessado na lua da cela, entrou no mercado quebrou todas as louças que tinha aqueles pratinhos de barro que umas mulheres da formiga faziam pra vender, ele quebrou tudo, pisou por riba e quebrou tudo, ai ele deu cinco mil réis pra elas, pra louça.

Entrou na loja de Seu Jaime, ele era baiano, entrou na loja dele montado a cavalo, ai Seu Jaime mandou ele sair pra fora, porque casa não era pra entrar cavalo, ai ele disse: ah, agora encontrei um homem de coragem (risos). Voltaram pra Campinas. Eu vi o irmão do avô de Socorro Alves contar pra nós, sabe quantos carneiros eles matavam pra dá de comer aos jagunços? Tinha dia deles matarem vinte carneiros, era muito homem, né [?]

⁶²

Ângelo Acelino foi enterrado na cidade de Simplício Mendes. “O pessoal dizia que estava virando uma serpente” (risos).⁶³ “Quando morreu, diz-se que virou uma cobra de asa. A sepultura dele vivia rachada e quem espiasse pela rachadura via lá dentro uma cobra de asa”.⁶⁴

A História do imaginário está muito presente na vida das pessoas, e pode ser usado como objeto de estudo, antes o “imaginário foi um termo desprezado por aqueles que foram encarregados de abrir o século das luzes, e tal desprezo herdado por historiadores do século XIX até meados do século XX. Tudo que se referia à imaginação era visto como ficção para teóricos iluministas”.⁶⁵ No entanto, é importante ressaltar que,

[...] o imaginário é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidos.⁶⁶

Depois de Ângelo Acelino, as fazendas passaram para o Estado, e o direito a administrar as terras não era mais por arrendamento e sim por indicação do governo.

Encurtava a conversa, em 1946, as fazendas passaram para o Estado. No senado, o senador Luiz Carlos Prestes propôs que elas passassem

⁶² SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

⁶³ Idem.

⁶⁴ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit. p. 125.

⁶⁵ VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. *História e imaginário*. Pós-Graduação em História. Universidade Católica de Goiás-UFG, Goiânia-GO, 2009, p. 03.

⁶⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. Vol. 27, nº 53, 2007, p. 11, 12.

diretamente para os seus moradores. Voto vencido. Agora os administradores eram nomeados pelos interventores e governadores. Esses administradores estaduais em nada se diferenciavam dos administradores federais. Roubos, castigos. Introduziram nos barracões e palmatória de ferro para rachar a mão de palheiro, suspeito de um roubar um quilozinho de cera.⁶⁷

Apesar disso, em entrevistas feitas, observa-se que pelas memórias dos entrevistados, depois que as fazendas passaram a ser do Estado, amenizou-se o sofrimento do povo daquela região. Como no depoimento da Senhora Socorro Alves que fala a respeito dos administradores do Estado.

Esses últimos quando passou a ser Estadual era diferente, más quando era Estado Nacional você ta vendo ai a situação. O Políbio era terrível, o Acelino também, eram administradores carrascos, os Estaduais eram homens que tinham uma certa humanidade. Teve deles que até nossos amigos eram, que moravam aqui na administração e vinha toda noite aqui pra conversar com a gente.⁶⁸

A fábrica ficou parada de 1923 a 1935. Ela foi restaurada no governo de Landri Salis e o administrador passou a ser Isaías Pereira. O Senhor José Belém recorda que na parede externa da fábrica tem uma faixa larga que tinha escrito: “Governo de Landri Sales e administração de Isaías Pereira”. Ele conta que com a mudança de políticos, consequentemente teve alterações nos cargos, e o Isaías Pereira perdeu a função de administrador. “Ai entrou a eleição, ele era daqui de Teresina, e ai não foi mais pra lá, já foi outro administrador, o nome dele era Fileto Ribeiro, esse ai levava homens de Teresina pra trabalhar lá”.⁶⁹

No período que o Senhor José Belém trabalhou na fábrica os administradores eram Isaías Pereira e depois Fileto Ribeiro. Segundo ele os últimos administradores foram de Oeiras, esse período ele não conta mais, já estava morando em Goiás. Depois de conhecermos a construção da fábrica e seus administradores, nada melhor do que vermos este monumento. A partir daqui faremos um passeio histórico, conhecendo os principais pontos da fábrica, viajaremos no interior desta. Desejamos a você, caro leitor, uma boa inferência dos fatos aqui apresentados.

2.3 A Fábrica de Laticínios Puro Leite: um passeio histórico

⁶⁷ ROCHA, Odeth Vieira da. Op. cit. p. 125-126.

⁶⁸ MOURA, Maria do Socorro Alves de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Campinas, 2012.

⁶⁹ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Teresina, 2013.

Neste tópico a utilização da imagem vai ser fundamental, pois pretendemos apresentar a fábrica internamente e para isso às imagens se fazem essenciais. A intenção de se trabalhar desta forma é, acima de tudo, passar para o leitor uma ideia de como era o prédio, como era a sua estrutura quando nova, e a partir daí tentar fazer uma reconstituição, através da imagem, dos locais onde os trabalhadores exerciam suas devidas funções. Por esta razão depositamos na fotografia essa incumbência, pois observamos nesta uma “utilização preponderante da fonte visual ainda como mero repositório espetacular de informação empírica, contendo em si sua própria identidade”.⁷⁰

Como já relatamos, e agora reforçamos para a construção deste trabalho, a memória é de suma importância, pois as fontes sobre este tema é escassa. As únicas pessoas que contaram sobre o período estudado até aqui foram o Senhor José Belém e a Senhora Socorro Alves. A partir daqui apresentaremos outros entrevistados que conta o restante do recorte temporal de 1935 a 1947. Com essa escassez de fonte tudo o que a entrevistada lembrar será de grande ajuda.

A maioria dos entrevistados possuía mais de sessenta anos. Foi através das lembranças destes que essa pesquisa tomou forma, entretanto, observamos que essa atenção dada aos mais velhos está acabando, Marilena Chauí na apresentação do livro da autora Ecléa Bosi, atribui este desinteresse de preservação da lembrança ao capitalismo, sendo o grande vilão desta displicência com o velho.

A função social do velho é lembrar e aconselhar – memini, moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, “não merece o nome de cidade, mas o de servidão, solidão e bárbarie”, a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa.⁷¹

Inicialmente, Antônio Sampaio juntamente com o engenheiro Alfredo Modrak, construíram um reservatório artificial para armazenar água, como o próprio José Sampaio afirma:

Nós construímos um grande reservatório na encosta de uma colina, numa distância de 300 metros da Leiteria e a seis metros acima do nível da fábrica. A água é conduzida do reservatório por meio de canos, e se destina a todos os fins. Desse modo, uma série de açudes poderia ser construída no território

⁷⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *Proj. História*, vol. 23, nº45. São Paulo, 2003, p. 22-23.

⁷¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 18. Apresentação Marilena de Souza Chauí, 1979.

das Fazendas Nacionais, os quais, juntamente com os lagos artificiais e reservatórios preparados nos leitos dos rios, forneceriam água permanente e abundante para satisfazer a todas as exigências.⁷²

Este reservatório de água artificial construído por José Sampaio e Alfredo Modrak, armazenava as águas da chuva e represava o olho d'água, sendo conhecido em Campinas por Socotó. Na época da construção ele estava em ótimo estado como mostra a foto indicada posteriormente, comparando com a próxima imagem, observamos o descaso que a mesma se encontra. O Senhor José Belém disse que do Socotó ia água encanada para a fábrica.



FIGURA 5

Represamento do Riacho Socotó (foto sem data)

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ozildo Albano, Picos – PI

Podemos observar o quanto era linda a paisagem do riacho. Composto as características do local, grandes pedras que dão uma forma na queda da água. Envolta, grandes árvores embelezando ainda mais o cenário. A parede foi construída com a finalidade de represar a água, em dias chuvosos chega a transbordar.

Em pesquisas feitas encontramos este mesmo reservatório em estado de calamidade, moradores de Campinas do Piauí contam que no período de chuva a água ainda escorre da mesma forma que a foto acima apresenta só que a paisagem não é a mesma devido à quantidade de mato no local. Analisando uma imagem buscamos construir um fato real, no

⁷² SAMPAIO, 1963, apud VILHENA, 2006. Op. cit. p. 74-75.

entanto, antes a fotografia não era vista desta forma, pois, “a fotografia esteve inicialmente associada mais à ideia de captação ou recorte da realidade do que à noção de representação ou construção do real”.⁷³



FIGURA 6
Socotó (fotografada em 05 de janeiro de 2012)
 Fonte: Arquivo pessoal de Joyce Nunes de Moura

A paisagem que nos deparamos quando visitamos o riacho Socotó é muito diferente daquele cenário visto na imagem do período do Brasil Império. Sendo a característica que mais se aproxima a imagem atual com a do final do século XIX é um paredão que fora construído, o mesmo ainda se encontra no local.

A fábrica externamente apresenta uma estrutura neoclássica marcada pela influência do estilo vigente na época, entre o final do século XIX e começo do século XX, como afirma no dossiê de tombamento da fábrica.

Em relação ao estilo arquitetônico, o século XIX foi marcado no Brasil e no mundo pelo revivalismo, com o uso de formas, elementos e soluções arquitetônicas de estilos do passado, com destaque para o neoclássico. Em 1814, a vinda da Missão Artística Francesa para o Brasil, composta por arquitetos, escultores e pintores, durante a estadia da família real portuguesa no país, trouxe a influência da arte francesa. Subsequentemente à chegada desse grupo de artistas houve a instalação da Academia Imperial de Belas

⁷³ MONTEIRO, Charles. Op. cit. p. 120.

Artes, com o ensino regular de arquitetura. Esse fator foi fundamental para o estabelecimento de uma arquitetura oficial no Brasil – a neoclássica, que passou a ser empregada nos edifícios institucionais – e que aos poucos foi sendo apropriada pela população em geral.⁷⁴

A estrutura física do prédio está preservada. Pouca coisa foi modificada, em relação à sua arquitetura, porém muitos acessórios foram retirados de lá. Deixaram apenas às paredes e a caldeira, devido esta ser muito pesada, e também para remover a caldeira precisa-se quebrar a parede, dificultando ainda mais a remoção. Como podemos ver a fábrica encontra-se em ruínas.



FIGURA 7

Foto Externa da fábrica (foto sem data)

Fonte: DVD *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, IPHAN.

Hoje, o prédio já não está mais como a foto abaixo apresenta, não tem mais nenhuma janela, na lateral direita da fábrica, como podemos observar com a foto abaixo. Havia uma

⁷⁴ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. *Dossiê de Tombamento* da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano. Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008, p. 47. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2012.

escada de madeira do lado da chaminé, que era por onde os garimpeiros entravam para despejar o leite que, também foi retirada. As janelas foram removidas e algumas fechadas com tijolos.



FIGURA 8

Foto da lateral direita da fábrica (foto sem data)

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ozildo Albano

Com relação à dimensão da fábrica de Laticínios. Em pesquisas feitas podemos afirmar que ela,

[...] possui 1.564,00 m², distribuídos em dois pavimentos de área construída. A edificação é composta, em planta, por 4 volumes: o corpo principal, em forma retangular, outro volume retangular na parte frontal e dois outros na parte posterior. A chaminé se sobressai acima do corpo principal da edificação.⁷⁵

A fachada principal “apresenta um frontão⁷⁶ triangular, com presença de óculo⁷⁷, marcada por cornija⁷⁸ com cordão e motivos geométricos. Há ainda frisos de cornija,

⁷⁵ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. Op. Cit. p. 59.

⁷⁶ Um frontão é um conjunto arquitetônico de forma triangular que decora normalmente o topo da fachada principal de um edifício. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Front%C3%A3o>. Acesso em: 08 de Agosto de 2013.

⁷⁷ Óculo designa um elemento de arquitetura, sendo uma abertura na fachada ou no interior que pode ser redonda ou de outras formas, localizada geralmente acima de uma abertura principal ou inclusa em frontões e frontispícios. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/%C3%B3culo/>. Acesso em 08 de Agosto de 2013.

marcando a separação entre o pavimento térreo e o porão.”⁷⁹ Observando a imagem podemos ver que existe uma faixa horizontal na parte inferior da fábrica, na citação diz que esta parte se refere ao porão da fábrica, nota-se que existem algumas pequenas janelas envoltas desta parte da fábrica.

As aberturas da edificação estão distribuídas simetricamente, a intervalos regulares. As portas e janelas possuem vergas em arco abatido, característica que não integra o repertório de elementos neoclássicos (em que geralmente era utilizado o arco pleno) com moldura saliente contornando o vão. O acesso à entrada principal, no eixo da fachada frontal da edificação, se dá através de uma escada.⁸⁰

No que se corresponde à cobertura da fábrica a edificação possui,

[...] telha cerâmica, distribuídas em cinco volumes, todas elas à vista, sem platibanda⁸¹. A construção apresenta algumas características comuns na arquitetura piauiense, como o telhado com tesouras em pau d’arco lavrado e caibros e ripas de carnaúba, material bastante utilizado em coberturas no Piauí, como também a presença de esquadrias com bandeiras em madeira e vidro.⁸²

Esta lateral direita da fábrica era por onde o garimpeiro subia as escadas e entrava com o leite para ser despejado nos galões da fábrica. O leite vinha de vários Retiros, entre eles, o Senhor José Belém cita: “Retiro⁸³ velho, Pilão, Retiro de Marcolino, Canto do Jorge, Olho d’água do boi, Piquins, Castelo, Descida de Boiada”.⁸⁴

Os garimpeiros deixavam o leite no salão ele entrava por o lado direito da fábrica, ao lado da chaminé, era por aqui que eles entravam com o leite, vinha medido o leite e lá pesava de novo. Pra chamar os garimpeiros, os que tiravam leite nos Retiros, então, a caldeira tinha uma buzina muito alta, ela botava a vapor. A gente abria a torneira de ar quente passava nos ambientes que tinha na buzina e apitava, botava três léguas de distância. Era um apito bonito acordava os garimpeiros, chamavam os tiradores de leite, garimpeiro hoje é aquele que garimpa ouro, mas naquela época chamava garimpeiro os tiradores de leite.⁸⁵

⁷⁸ Cornija é um termo usado em arquitetura e na montanha e refere-se a uma faixa horizontal que se destaca da parede. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cornija>. Acesso em: 08 de Agosto de 2013.

⁷⁹ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. Op. Cit. p. 60.

⁸⁰ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. Op. Cit. p. 60

⁸¹ Platibanda é uma moldura contínua, mais larga, que contorna uma construção acima das frechas, formando uma proteção ou uma camuflagem do telhado. Disponível em: <http://www.colegiodearquitectos.com.br/dicionario/13/02/2009/o-que-e-platibanda/>

⁸² AFONSO (2013) apud ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. Op. Cit. p. 60.

⁸³ Retiro é a Fazenda onde fica o gado durante uma parte do ano. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/retir/>. Acesso em: 08 de Agosto de 2013.

⁸⁴ SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

⁸⁵ SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

No topo da chaminé da fábrica possui um pararraio. Na próxima imagem observa-se a presença de um fio no alto da chaminé, esse mesmo fio dá pra ver com melhor clareza na parte que fica perto do telhado. Esse fio é enterrado no chão do lado externo da fábrica. O depoente José Belém confirma a existência do pararraio, “o pararraio, descia um fio de cobre que entrava no chão, o fio de cobre tinha três dedos de largura”.⁸⁶



FIGURA 9
Chaminé da fábrica (fotografada em 05 de Janeiro de 2012)
 Fonte: Arquivo pessoal de Joyce Nunes de Moura

O Senhor Euclides foi garimpeiro da fábrica, e conta como fazia quando chegava com o leite para os galões da fábrica, e juntamente com o Senhor José Belém e o Senhor Cazuzza (*in memoriam*), gravaram o vídeo produzido pelo IPHAN, “chegava aqui com o leite, subia, tinha uma escada bem aqui. Lá tinha um lugar de receber o leite com um bocado de caixa, todas numeradas, a gente chegava e colocava o leite na caixa já ficava toda numerada, medida, ali o encarregado olhava e notava”.⁸⁷ A próxima imagem nos dará uma ideia melhor, das pessoas entrando por este lado da fábrica.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ DVD com vídeo. *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a



FIGURA 10

Pessoas na lateral da fábrica (local onde os garimpeiros entravam com o leite)

Fonte: DVD com vídeo produzido pela Superintendência Regional do IPHAN no Piauí.

O marido da Senhora Eufrasina também era garimpeiro, o Senhor Joaquim de Moura Fé (*in memoriam*), e ela conta como era a trajetória deste leite para fábrica, a Senhora Eufrasina na época da entrevista estava com 92 anos e ela já não lembrava muito bem dos acontecimentos. Com relação ao esquecimento tentamos fazer uma análise sob a ótica da autora Lucília Delgado, que afirma: “a reconstituição dessa dinâmica, pelo processo de recordação, que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente”.⁸⁸ Faremos uma remontagem do fato narrado por ela.

Meu marido levava o leite num jumento, era pertinho, ai ele botava o jumento, botava uma cangaia, ai botava duas latas de um lado e duas do outro. Ai ele vendia tudo baratinho, disse que era a tostão, nesse tempo não tinha valor, tinha muito leite.⁸⁹

Na fábrica havia um quarto que era destinado à funilaria, esta era onde se faziam as primeiras latas de flandres, segundo o Senhor José Belém o funileiro se chamava Antônio

Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007. Depoimento do Senhor Euclides Ribeiro de Sousa.

⁸⁸ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op. cit., p. 16.

⁸⁹ Eufrasina de Araújo Moura, conhecida por dona Zina, nasceu em 1919 e atualmente mora na cidade de Simplício Mendes. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura. Simplício Mendes, 2012.*

Pedro Fernandes, logo em seguida estas latas foram substituídas por latas fabricadas no Rio de Janeiro. A fabricação das antigas latas parou pelo fato de não ter na mesma a descrição do produto, era só a lata de flandres sem nada escrito.

As primeiras latas eram feitas lá mesmo na fábrica, lá tem um quarto lá por detrás que chamavam lá o quarto da funilaria. Em 1935 quando ela foi restaurada, ai já foi feita as latas novas, as latas novas já vem do Rio de Janeiro, foi substituído porque as latas feitas ai não tinha a descrição da manteiga.⁹⁰

As latas feitas no Rio de Janeiro possuíam uma tampa redonda com a imagem da fábrica de laticínios no centro, no entorno na parte superior tem escrito “Manteiga de Puro Leite”, e na parte inferior apresenta “Fazendas Nacionais e do Piauí”. Nas pesquisas feitas foram encontrados dois tamanhos das latas a pequena e a média, sendo que as descrições das latas pequenas já estavam apagadas impossibilitando a leitura, as latas médias estavam mais conservadas. A descrição do produto fica ao redor do recipiente. Na lata média visualizamos o “peso bruto: 500 gramas e o peso líquido 390 gramas”, e o nome “conservado” abaixo da definição das gramas. A imagem posterior refere-se às latas médias.



FIGURA 11

Foto do recipiente para colocar a manteiga (fotografada em 05 de Janeiro de 2012)

Fonte: Arquivo pessoal de Joyce Nunes de Moura

A Senhora Aurora Lima foi outra pessoa entrevistada. Lembra muito da sua mãe trabalhando na fábrica. Com relação às latas, como o depoente José Belém diz “as latas novas”, a Senhora Aurora em sua fala descreve como era a lata e a enlatação da manteiga. É

⁹⁰ SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido á Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

importante ressaltar que alguns moradores de Campinas possuem algumas dessas latas, eles ainda preservam as poucas que restaram:

As latas eram duas tampas, tinha uma tampa amarela escrita de preto, e a de dentro era pra lacrar. A de cima era verde com amarelo com o retrato da fábrica na tampa que colocava depois dessa primeira, ai tinha a máquina de lacrar. A manteiga era exportada, por isso, que tinha que ser bem lacrada e era congelada.⁹¹

Esse processo de lacrar a lata de manteiga que a Senhora Aurora Lima citou era feito pelo mecânico, pois, se tratava de lacrar em uma máquina e só o mecânico sabia, então, esta função era obrigação dele. O mecânico além de ter montado todo o equipamento era o que ficava responsável por trabalhar nesta máquina.

O mecânico ele recebia as latas e enlatava a manteiga, os serventes entregavam as latas com manteiga colocavam na mesa e ele fechava na máquina, tinha a primeira tampa que era fechada na máquina e a segunda cobria era a externa.⁹²

O maquinário exportado da Suíça primeiramente foi montado por um italiano chamado João Batista Monte Santo. Como ninguém por lá sabia mexer na montagem das máquinas ele montou tudo sozinho. O Senhor José Belém ainda lembra bem deste mecânico porque em “em 1942 o velho foi trabalhar lá, eu ainda conheci ele, conheci por seu Monte Santo, foi quem montou, eu estava com 22 anos”. A primeira vez que ele montou os equipamentos da fábrica era o avô do Senhor José Belém quem trabalhava lá como foguista da caldeira.

Como o mecânico era aquele que recebia as latas com a manteiga e depois lacrava, através da imagem abaixo podemos chegar à conclusão imprecisa de que o homem branco, que se encontra perto de várias latas, posicionado como se ele estivesse fazendo um processo de fechamento das mesmas, seria o mecânico João Monte Santo. Isso porque, segundo os relatos anteriores, vimos que o primeiro mecânico era italiano e nesta foto há quatro pessoas e apenas esse segundo da direita é branco e possui características de italiano, razão pela qual chegamos a esta afirmação. E ainda segundo ao mecânico João Monte Santo, na fala do Senhor José Belém, confirma esta hipótese “na primeira vez que montou os equipamentos foi ele quem montou, quando foi na restauração ele ainda tava vivo e levaram ele de novo para lá, o velho mecânico João Monte Santo”. Esta restauração que o Senhor José Belém fala foi em

⁹¹ SILVA, Aurora Lima da. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas do Piauí, 2012.

⁹² SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido a Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

1942 e a fábrica foi inaugurada em 09 de abril de 1897, então, da restauração para a primeira montagem teve um intervalo de 45 anos.

No vídeo gravado pelo IPHAN, o Senhor José Mariano (Cazuza) também fala a respeito da origem do mecânico, “os que trabalhavam aqui era tudo gente daqui, daqui mesmo, de fora só tinha o velho mecânico, foi o fundador de todos esses maquinários, João Monte Santo, italiano, era o velho mecânico”.⁹³. Observem a imagem.



FIGURA 12

Trabalhadores da fábrica, no canto direito várias latas de manteiga empilhadas (foto sem data)

Fonte: Arquivo fotográfico do Museu Ozildo Albano

Nessa imagem podemos confirmar o que o Senhor José Belém havia dito anteriormente. Segundo ele as primeiras latas eram feitas de flandres na fábrica de laticínios mesmo. E na fotografia observa-se que as latas possuem um material laminado, semelhante ao flandres e diferente das latas que vimos na figura 10, que tinham a cor verde. Observem a

⁹³ DVD com vídeo. *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007. Depoimento do Senhor José Mariano Filho (Senhor Cazuza).

grande quantidade de latas do lado direito da fotografia. Provavelmente o segundo homem da direita esteve fechando as latas e empilhando ao lado.

Os equipamentos da fábrica funcionavam a vapor. Tinha um motor a vapor, ainda hoje a caldeira se encontra lá, a meu ver a caldeira era o coração da fábrica, a partir de quando ela era ligada através do fogo, toda a fábrica ganhava vida, todos os equipamentos eram ligados, e assim começava a jornada de trabalho. “A caldeira dava o ar quente e o motor virava, o motor virando aí girava todas as máquinas que tinha na casa”.⁹⁴ Aquele que trabalhava na caldeira era chamado de foguista. O primeiro foguista da fábrica foi o avô do Senhor José Belém, que se chamava José Benedito da Silva. Ele ajudou na construção da fábrica, “meu avô veio pra lá com 22 anos de idade, ajudou a cavar, fazer a fundação, e ele veio morrer em 1947”. Depois do Senhor José Benedito o foguista passou a ser o Senhor José Belém, seu neto. Segundo ele, “comecei lá com 15 anos eu não era empregado, trabalhava ajudando o meu avô, quando ele não aguentou mais trabalhar, fiquei no lugar dele”.⁹⁵

Perto da caldeira tinha uma serraria pra serrar a madeira pra cortar a lenha, a lenha vinha do mato em metros de pau, aí lá dentro da fábrica a gente cortava as toras pra colocar dentro da caldeira, antes cortava no machado, mas no meu tempo já tinha essa serraria. A caldeira tinha capacidade pra nove libras de fogo, quando ela tava com oito libras de fogo as válvulas já estavam agitadas. Pra diminuir a velocidade das libras a gente limpava as válvulas pra sair o vapor pra diminuir, pra baixar. E ela puxava a água, o motor quando tava rodando puxava a água pra lá, quando não dava tinha uma bomba manual pra ajudar.⁹⁶

Quando o Senhor José Belém começou a trabalhar na fábrica ele era ainda muito jovem. Lucília Delgado fala a respeito de um dos desafios da história oral que é o da “relação entre as múltiplas temporalidades”, ou seja, numa entrevista quem fala é o “jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente”, como é o caso dele, entrou na fábrica muito cedo com pouca idade, e hoje ele conta esta história “de um tempo sobre outro tempo”, “Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje”.⁹⁷

A memória do Senhor José Belém trata-se de uma memória ativa. Ele não troca nome de pessoas. Às vezes ele repete uma história, mas não é porque ele esqueceu, o que ele faz é interligar os fatos. Lucília Delgado fala deste recurso importante que é a memória ativa:

⁹⁴ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op. cit. p. 18.

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História, visto que se nutre de lembranças de família, de músicas e filmes passado, de tradições, de histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades.⁹⁸

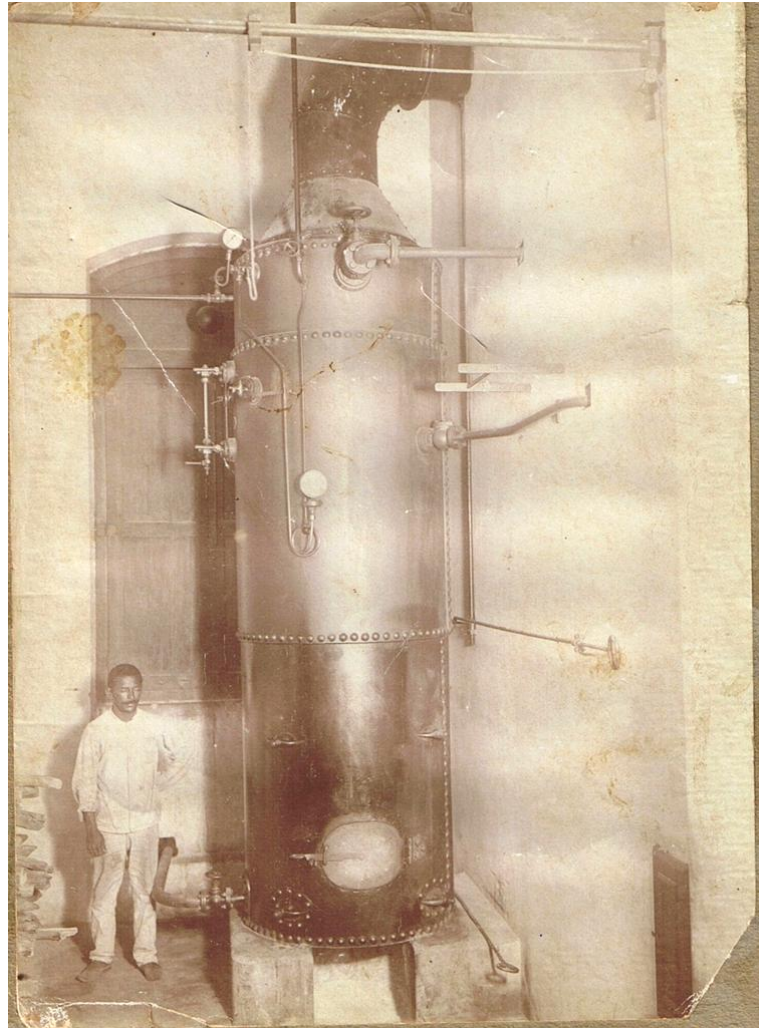


FIGURA 13
Caldeira da fábrica de laticínios (foto sem data)
Foto: Arquivo fotográfico do Museu Ozildo Albano

Este equipamento trata-se da caldeira. Observe os detalhes desta imagem. Do lado esquerdo da fotografia existem algumas madeiras. Provavelmente esta era a madeira utilizada para acender o fogo da caldeira. A caldeira ligada gerava energia a vapor para fábrica e para casa dos administradores que ficava próximo a fábrica, como afirma o Senhor José Belém, “tinha um geradorzinho. A gente ligava uma polia no gerador e o gerador dava luz, lá não

⁹⁸ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op. cit. p. 17.

tinha energia elétrica, esta luz acabou logo, ai voltou a escurecer (risos)”.⁹⁹ A depoente Aurora Lima lembra a fábrica lhe causava medo:

Ainda conheci, eu ainda menina muito besta, que quando entrava na fábrica ficava morrendo de medo. Quando ela começava a apitar, ai a luz ligava, a luz era só pra fábrica e pra casa de seu Assis e pra administração que hoje é a casa de Toinha. Ai ficava na rua mostrando aqueles pedacinhos de luz, de uma casa pra outra e lá na fábrica era tudo iluminado. Mas eu tinha um pavor de entrar, porque aquelas rodas giravam tudo, pra onde você olhava girava tudo, quando a caldeira começava a funcionar lá, ligava. Ai girava tudo e aquelas tiras grande passava assim de uma pra outra, uma roda aqui e outra bem acolá, e ai ficava tudo girando, quando eu olhava pra cima eu morria de medo e saia chorando (risos).¹⁰⁰

Na próxima imagem podemos observar uma lâmpada no centro do salão da fábrica, e o homem à direita despejando o leite no reservatório, esses homens provavelmente são os garimpeiros que levavam o leite pra fábrica, pois, tem vários galões de transportar leites e o local citado pelos depoentes que recebia o leite era o salão, e esta parte se refere ao salão da fábrica. O Senhor José Belém disse que eles não tinham fardas, “não tínhamos fardas era um guarda-peito, todos os que trabalhavam lá tinham um guarda peito, pra não sujar a roupa”, e pela a imagem podemos observar que o único que está de avental é o homem que está perto do outro despejando o leite. Então provavelmente a maioria dos homens que se encontra nesta foto são garimpeiros.

⁹⁹ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

¹⁰⁰ SILVA, Aurora Lima da. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas do Piauí, 2012.



FIGURA 14

Salão da fábrica – local de receber o leite (foto sem data)

Fonte: Arquivo fotográfico do Museu Ozildo Albano

Então, começava-se o processo de fabricação da manteiga. No começo além da manteiga também se fabricava o queijo, só que quando o Senhor José Belém começou a trabalhar na fábrica já não se faziam mais o queijo, somente a manteiga, “embaixo tinha as máquinas pra imprensar o leite pra fazer o queijo, eu não conheci, sei por que vi essas máquinas, a gente não usava elas”.¹⁰¹

O primeiro manteigueiro se chamava Manoel Veloso, quem ficou no lugar dele foi o pai da Senhora Socorro Alves, o Senhor Antônio Alves. Ele começou a trabalhar na fábrica primeiro que o Senhor José Belém, “quando eu me entendi em 1935 ele já era homem idoso”, quem ficou no lugar do Senhor Antônio Alves foi um manteigueiro do Rio de Janeiro com o nome de Charles, ele trabalhou junto com o Senhor José Belém. Quem salgava a manteiga era o manteigueiro, os ajudantes pesavam o sal peneirado. Era medido e colocava na manteiga. A Senhora Socorro Alves neta do Senhor Antônio Alves, lembra-se da sua mãe contar que,

Ao meio dia na hora do almoço elas vinham da fazenda Canudos trazendo o almoço de meu avô. Não era muito pertinho não para vir de pé é um pouco distante. Minha avó e minha mãe vinha com ela trazer o almoço de meu avô,

¹⁰¹ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

e quando chegava ai meu avô dava pão com manteiga fabricado na fábrica, e minha mãe dizia que era muito saborosa, ela não comparava essa manteiga daqui da fábrica com nenhuma outra.¹⁰²

Para a desnatção do leite levava um processo muito longo, este procedimento é bem explicado pelo o Senhor José Belém:

Primeiro era esperar que o leite chegasse. O leite chegava era pesado, ai botava nos depósitos e dos depósitos ia pra desnatadeira. O local lá se chamava separatório, que significa separar a nata do leite, eles não chamavam de nata, chamavam de creme. Ai aquela nata colocava no barril.¹⁰³

Observando a próxima imagem, dá pra perceber que ela se trata da centrífuga, onde fazia a separação do leite. O leite passava por esses reservatórios e caia nesse galão, como já foi explicado pelo Senhor José Belém. Caia o leite separado da gordura, ou seja, dentro deste galão já ficava o creme. Verificando a imagem, nota-se que possui três depósitos e duas calhas. O leite passa por estas calhas e cai dentro da centrífuga, que é este equipamento com um estilo sanfonado. Da centrífuga cai o creme no balde. Do balde essa nata é levada para o barril.

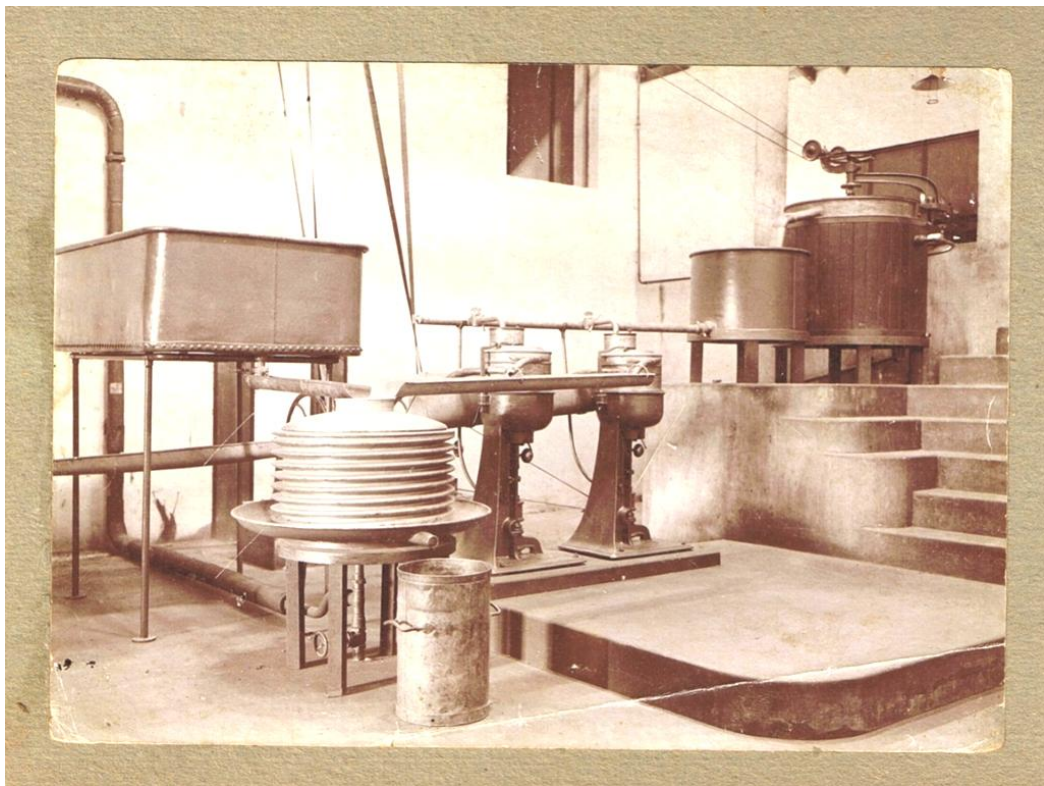


FIGURA 15
Maquinário da fábrica de laticínios em Campinas
 Fonte: Arquivo fotográfico do Museu Ozildo Albano

¹⁰² MOURA, Maria do Socorro Alves de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

¹⁰³ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

Seguindo o processo de fabricação da manteiga, o próximo passo é colocar a nata depois de separada do leite no barril,

As máquinas viravam botando o gelo, porque o gelo é quem separa a gordura do leite. Ai as máquinas girando, dentro daqueles barris tinha muito gelo. Quando coava botava assim numa mesa, e a mesa grande lá giratória, lavava pra tirar o soro, o soro é aquele que azeda a coalhada. Então ai, lavava-se bem lavada, depois de lavada ficava lá para o outro dia, e ai salgava e depois enlatava.¹⁰⁴

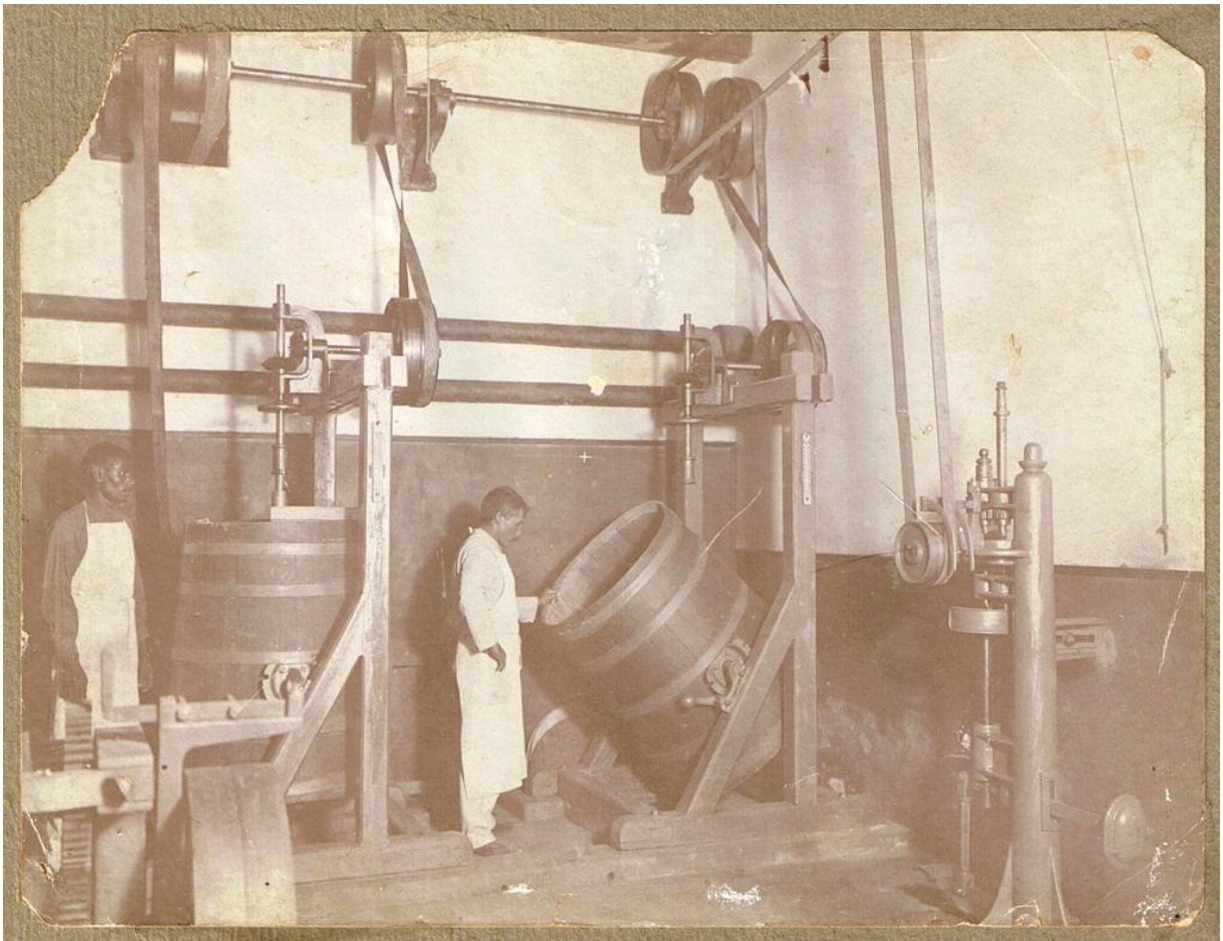


FIGURA 16

Barris da fábrica de laticínios em Campinas

Fonte: Arquivo fotográfico do Museu Ozildo Albano

Depois de todo esse procedimento no barril. Retiravam aquela nata e começavam a fazer o processo de lavar a mesma para retirar o soro. Em seguida ela descansava e só no outro dia era que salgava e já começava o enlatamento da manteiga. Repare que na imagem existem dois trabalhadores usando avental. O Senhor José Belém relata que “para cada função

¹⁰⁴ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

na fábrica, o trabalhador tinha direito a ter um ajudante para ficar auxiliando”.¹⁰⁵ O depoente conta que quando ele começou a trabalhar na fábrica era ajudante do seu avô. Ele cortava a madeira com o machado e levava para colocar na caldeira. Depois que ele passou a ser o foguista da fábrica substituindo o avô, passou a ter um ajudante também.

No discurso do Senhor José Belém ele revelou que na separação da gordura usavam gelo. Quando ele falou isso me inquietou, pois queria saber: como era a fabricação deste gelo, qual técnica eles utilizavam? E como era a conservação do mesmo? A respeito disso o depoente explica que para fabricar o leite tinha uma máquina e esta máquina tinha uma volante muito grande, e era conhecido pelos trabalhadores como volante do compressor.

Era tocado o vapor no compressor que se fazia o gelo. O compressor era formado com duas turbinas de amoníaco e ninguém podia cheirar. Cada garrafa de amoníaco de ferro pesava 60 quilos. Eram duas turbinas, uma horizontal e outra vertical, aí era que girava pra esfriar a água, girava o compressor de gelo. O compressor girava nessas duas turbinas, dentro destas turbinas tinham umas caixas de gelo que ficavam perto da salmoura¹⁰⁶ de sal, dentro tinha umas dez quartas de sal. A salmoura era funda. A grade era cheia de fôrmas colocadas dentro, cheia de água, e o pé dela era dentro da salmoura. A salmoura tinha um giratório e ela bulia, e até perto de onde girava o ventilador, respingavam o gelo e ficava salgado. Caia pingo da salmoura dentro das caixas de gelo, mas aqueles ninguém levava pra manteiga, passava do ponto. O gelo durava duas semanas. Eles pegavam em Oeiras uns sacos de palha de arroz pra conservar. O gelo era colocado no chão coberto com palha de arroz pra não derreter, que a palha de arroz e o pó de serraria conserva o gelo. O gelo não desmanchava.¹⁰⁷

¹⁰⁵ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

¹⁰⁶ A salmoura é uma solução de água saturada de sal onde se pode conservar alimentos. Fonte: <http://www.dicio.com.br/salmoura/>

¹⁰⁷ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

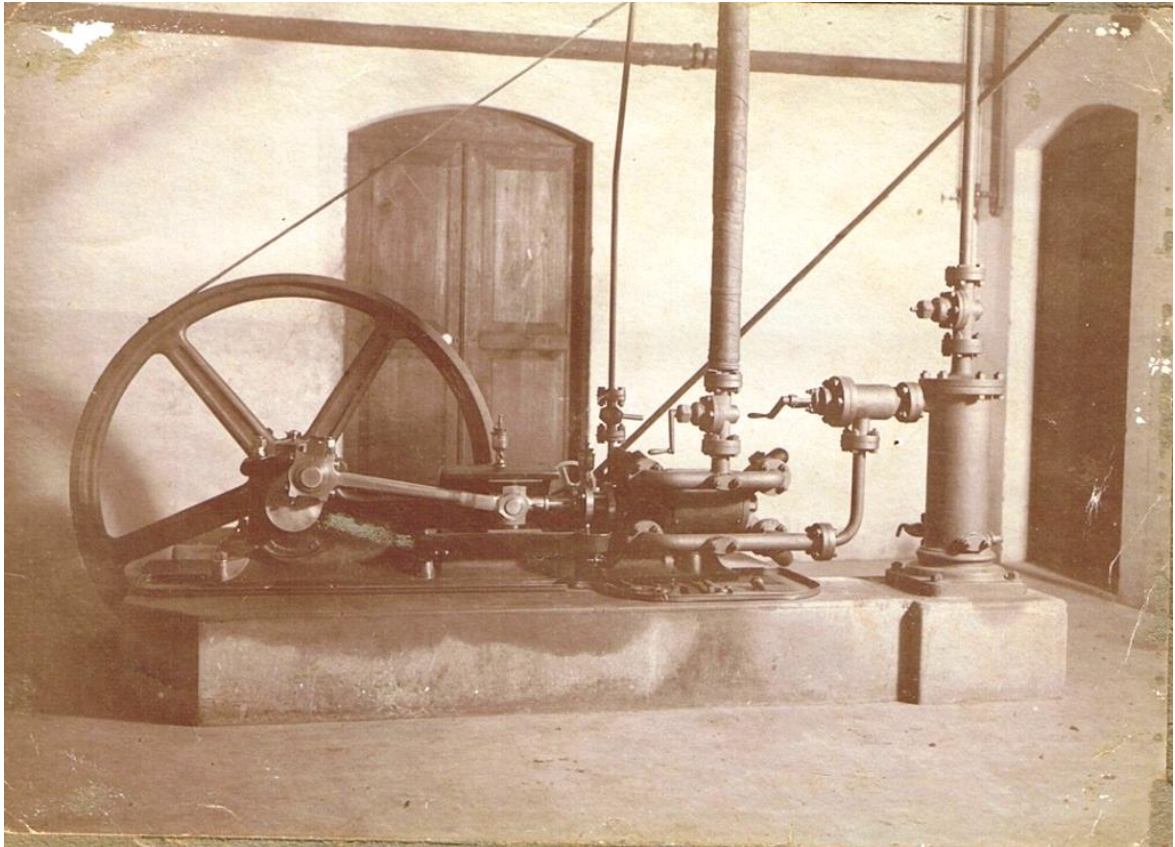


FIGURA 17

Máquina do compressor de gelo (foto sem data)

Fonte: Arquivo fotográfico do Museu Ozildo Albano

Esse gelo e o creme da nata eram guardados num local conhecido pelos trabalhadores como “o quarto escuro”. “[...] foram criadas usinas a vapor para a fabricação do gelo e para a produção de câmaras frigoríficas, destinados à conservação e fermentação dos produtos”.¹⁰⁸ A Senhora Aurora explica por que este local se chamava quarto escuro.

Quando eu era criança a gente ia brincar lá, más a gente tinha medo quando olhava assim pra dentro, podia ser o dia que fosse, claro como fosse, más ele era escuro e você não enxergava nada, nem chegando na porta, você não via nada que tinha lá dentro.¹⁰⁹

A fábrica muda à paisagem da cidade de Campinas é impossível falar de Campinas e não mencionar a fábrica. É uma coisa que caminha junto, até porque tudo desta cidade se originou ao redor da fábrica. Em tempos mais remotos ela era a única fonte de renda do local.

¹⁰⁸ DVD com vídeo. *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007. (petição dirigida ao ilustres membros do Congresso nacional pelo Dr. Antônio José de Sampaio)

¹⁰⁹ SILVA, Aurora Lima da. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

É comum vermos uma cidade se desenvolver ao redor de uma igreja, e em Campinas isso foi diferente, a cidade foi se originando em torno da fábrica.

No próximo capítulo iremos conhecer o cotidiano dos trabalhadores no espaço dentro e fora da fábrica. E as instituições que funcionaram dentro do ambiente interno da fábrica.

3 MEMÓRIA DA VIVÊNCIA E DAS IDENTIDADES

[...] as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios.

Maurice Halbwachs

“A memória é a principal fonte dos depoentes”, segundo Delgado. É a partir dela que se tenta construir registros sobre o passado de uma classe ou de um grupo social, e essas fontes são tidas como registro memorialista. Tem fatos que ficam silenciados pelos depoentes, muitas vezes devido às lembranças lhes causarem dor ou até mesmo por medo, e muita coisa acaba ficando suprimida, como afirma Lucília Delgado, “pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida”.¹

O último capítulo desse trabalho direcionar-se-á aos trabalhadores da fábrica, através das memórias intentamos construir uma história dentro do ambiente da fábrica, assim como também pontuar momentos de lazer dos trabalhadores, isto é, observaremos a partir de outro ângulo, para além daquelas paredes. Enfatizaremos os momentos que esses trabalhadores tiveram fora do labor diário, tais como: o seu cotidiano, questão de moradia e de trabalho.

A palavra trabalho é peça chave neste último capítulo. Há uma distinção notória dentro dessa perspectiva de trabalho, em que para Hanna Arendt em sua obra, *O trabalho de nosso corpo e a obra de nossas mãos*, mais precisamente o capítulo III, ela assim os distingue: o “trabalho produtivo e improdutivo”, “obra qualificada e não qualificada”, e “finalmente sobrepondo-se a ambas, por ser aparentemente de significação mais fundamental, a divisão de todas as atividades em trabalho manual e intelectual”.² É a partir disso que teceremos nossos argumentos.

¹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 16.

² ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11 ed. Tradução: Roberto Raposo, revisão: Adriano Correia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 105.

3.1 A vida dentro e fora do ambiente da fábrica de laticínios

O dia-a-dia na fábrica era marcado por muito trabalho, e pouco lazer. Momentos de descontrações esses eram raros, não tinham nem o intervalo para o almoço, pois este era dentro da fábrica mesmo, “a gente jantava e almoçava aqui”.³ O intervalo para o almoço na fábrica de Campinas era diferente do Rio de Janeiro, pois, os trabalhadores almoçavam e jantavam na fábrica de laticínios, e não tinham hora certa para se alimentar.

Esse cenário contrasta com o que acontecia no Rio de Janeiro, em que os trabalhadores passavam este intervalo em botequim, como afirma Sidney Chalhoub, “Estes intervalos para tomar café e cachaça no botequim, prolongados às vezes pelo jogo a dinheiro, eram bastante comuns”⁴, no entanto, esses locais eram propícios para conflitos entre os trabalhadores. Fazendo um paralelo, com a fábrica de laticínios o Senhor José Belém afirma que “a relação entre os trabalhadores era amigável”.⁵ O trabalhador almoçando e jantando na fábrica, levando o mesmo a exercer longas jornadas de trabalho. Sidney Chalhoub diz que esta característica é semelhante tanto nos empreendimentos rurais quanto nos urbanos.

A semelhança essencial é que, tanto nos pequenos empreendimentos rurais quanto nos urbanos, a atitude paternalista dos patrões tem o claro sentido de possibilitar o aumento da exploração da força de trabalho. Nas pequenas casas comerciais do centro da cidade, por exemplo, como vendas, padarias, botequins etc., era comum que o patrão permitisse que o empregado residisse e se alimentasse no próprio local de trabalho. Em compensação, ao fazer isto, o empregado se obrigava também a cumprir longas jornadas de trabalho, pois muitos desses estabelecimentos normalmente fechavam apenas por poucas horas durante a noite.⁶

Com relação ao momento destinado à distração, o depoente José Belém lembra que esses momentos eram raros, e atribui à ausência do lazer a falta de energia, “a gente não tinha muito lazer, até porque era tudo no escuro”.⁷ A filha de uma das trabalhadoras da fábrica a Senhora Aurora Lima atribui a não existência de um momento de lazer ao atraso do lugar, por se encontrar distante dos grandes centros urbanos e as notícias demoravam a chegar lá, ou até mesmo não chegavam.

³ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Teresina, 2013.

⁴ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001, p. 96.

⁵ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Teresina, 2013.

⁶ CHALHOUB, Sidney. Op. cit. p. 120.

⁷ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

Minha mãe tanto morava aqui quando funcionava como foi funcionária da fábrica. O tempo era tão atrasado. As pessoas tinham tanta fartura e não tinha como aproveitar, devido o atraso. Ninguém tinha noção, achava que nada valia nada. As pessoas tinham muito gado, muita criação, tinha muita riqueza, más como era atrasado não tinha distração, não tinha como. Ai inventaram essa fábrica aqui.⁸

Regressar ao passado para lembrar-se de acontecimentos na vida de uma pessoa é, concomitantemente, idealizar a reconstrução através da memória de uma história, para esta reconstrução precisa-se aliar a quatro etapas, “Tempo, memória, espaço e história”, pois esses quatro estágios passam “Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história”.⁹

Quanto à dificuldade do trabalho na fábrica, apesar de não haver intervalo para descansar depois das refeições, o Senhor José Belém lembra que o trabalho não era muito pesado, exceto quando era para fabricar o gelo, e o mesmo fala a respeito do horário referente à entrada na fábrica,

07:00 horas da manhã a gente tava lá no ponto, e de 08:00 pra 09:00 terminava a desnatação ai parava. No outro dia desnata uma, e aquela primeira de ontem é que ia fazer o processo da enlatação. Nós ficávamos na fábrica o correr do dia. Agora quando era pra fazer gelo a gente ficava lá 48 horas de fogo sem parar. Fechava blocos de gelo, eram 48 horas de fogo. Nessas 48 horas quando tinha gelo mesmo pra passar uma semana trabalhando, ai folgava mais. Más todo mundo ficava por lá, tinha sempre uma coisa pra fazer, ia assear as vasilhas porque eram muitos vasilhames. Ficava uma semana sem fazer o gelo, ai quando era o fim de semana de noite íamos pra nossas casas.¹⁰

O Senhor José Belém fala que de oito para às nove horas terminava a desnatação, porém a fábrica não parava o serviço por completo, pois esse processo eles faziam todos os dias. Para a fabricação da manteiga, a nata ou o creme, como eles chamavam, precisa de um tempo de descanso, no entanto, para a fábrica não parar eles trabalhavam no domingo, deixando o creme pronto para preparar a manteiga para a segunda-feira. “No domingo a gente ia pra fábrica, os motores giravam pra desnatar o leite pra segunda-feira”.¹¹

A gente trabalhava a semana toda. Dia de domingo também, tinha que desnatar porque as vacarias ficavam nos currais, e era tanto leite que os bezeros não davam conta, tinha que desnatar o leite no domingo. Não tinha muito serviço no domingo era só esse, e era pouco tempo não dava dois meses de serviços. Se começasse em janeiro ou fevereiro em abril terminava.

⁸ SILVA, Aurora Lima da. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Campinas, 2012.

⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 34.

¹⁰ SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

¹¹ Idem.

Em abril toda vacaria tem que se retirar para as fazendas, vinha delas até pertinho de Floriano.¹²

A relação patrão-empregado como já foi colocado no capítulo anterior, depois que passou para o Estado, os patrões que vinham para administrar a fábrica e as fazendas eram mais amigáveis, “a relação deles com nós era muito boa, eles sabiam que éramos filhos dali, tinha muita intimidade com a gente”.¹³ Essa relação patrão-empregado, teoricamente, é caracterizada por Sidney Chalhoub como uma relação entre pai e filho, ele parte da máxima que esta relação tem o objetivo de controle social:

A imagem da relação patrão-empregado geralmente veiculada pelas classes dominantes brasileiras na República Velha era de que esta relação se assemelhava em muitos aspectos à relação entre pais e filhos. O patrão era uma espécie de ‘juiz doméstico’ que procurava guiar e aconselhar o trabalhador, que, em troca, devia realizar suas tarefas com dedicação e respeitar seu patrão. Esta imagem ideal da relação patrão-empregado tem um objetivo óbvio de controle social, procurando esvaziar o potencial de conflito inerente a uma relação baseada fundamentalmente na desigualdade entre os indivíduos que dela participam.¹⁴

Outro fato interessante da fábrica era no momento da desnatação do leite, como faziam a separação do leite magro com a nata, esse leite magro descia em um cano e derramava numa caixa bem grande do lado externo da fábrica, este leite era reaproveitado pela população de Campos, como confirma o depoente Atanásio Ferreira:

O leite magro descia num cano, saia num cano pro lado de fora e ia fazer uma barreira, um tanque lá na porteira na roça perto do finado Didô. Um poção de leite juntava porco e urubu. Muita gente carregava leite magro pra fazer requeijão. Requeijão de leite magro não dá massa, só dá ligado, você pode levantar a colher de pau e fazer um fiapo. Só dá ligado.¹⁵

O Senhor José Belém tem lembranças do tanto que o leite era abundante, e as pessoas aproveitavam para não deixar desperdiçar, ele confirma este fato complementando a fala do Senhor Atanásio Ferreira.

Os garimpeiros, muitos lavavam o material que traziam o leite pra voltar com o leite magro. O leite magro saia no cano pra uma caixa grande que ficava do lado de fora da fábrica, e lá a gente pegava o leite magro pra fazer requeijão, ele ainda coalhava. E lá uns faziam o requeijão com leite de coco,

¹² SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

¹³ Idem.

¹⁴ CHALHOUB, Sidney. Op. cit. p. 114-115.

¹⁵ Atanásio Ferreira dos Santos nasceu em 05 de Julho de 1921 em Simplício Mendes-PI, foi adotado por um homem de Campinas do Piauí chamado Tibuço Rodrigues da Graça indo morar em Campinas em 1927. Seu pai adotivo era vaqueiro, e o Senhor Atanásio era garimpeiro de leite. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

porque só faz requeijão com gordura, agora só era bom quente depois que esfriava endurecia (risos). Ai depois usavam o leite magro, colocavam pra coalhar, o que o povo não levava. Depois eles imprensavam pra fazer uma farinha à caseína, lá mesmo na fábrica tinha os serventes. Era só pra aproveitar, pra não desperdiçar lá no chão. Más iam mais de 100 metros de distância, o leite magro escorria pelo chão, cansei de apear em urubu a noite deitado no chão no leite, e também os porcos deitavam lá.¹⁶

É importante ressaltar que a fábrica não funcionava o ano inteiro, tinha o período de férias. Este período de férias era na estiagem, no momento em que as chuvas cessavam. Nesse período os trabalhadores procuravam outro meio de sobrevivência, como por exemplo, trabalhar para o Estado em construção de estradas e barragens, enquanto outros iam estudar como lembra o Senhor José Belém,

Em 1934 começou a movimentação fazer curral, fazer estrada, e esse administrador daqui Isafas Pereira ele levou uma professora de Oeiras, a primeira professora que teve lá se chamava Cinobilina. Ela dava aula numas casas de palha que fizeram, e depois fizeram uma casa ali na fábrica mesmo, assubia a escada, ali ainda estudei. A aula lá era no período da seca, o período de férias.¹⁷

A escola primeiramente funcionava em “casas de palha perto da fábrica”. E no período de seca os alunos estudavam na fábrica. Segundo o depoente José Belém as duas primeiras salas eram destinadas ao funcionamento da escola. A Senhora Socorro Alves conta que estudou e lecionou na fábrica,

Estudei aqui na fábrica. Víamos montada em jumento, cavalo ou burros. Da Várzea do Padre pra fábrica são seis quilômetros. Estudávamos aqui com as professoras de Simplício Mendes. Uma delas era dona Zizi Fialho e a outra era dona Noemi Moura Fé. Aprendi muito. Aprendia um monte de coisa boa, leituras que gravávamos tudo, e ainda ensinava nos sábados um pouco de bordado. Estudei e lecionei na fábrica.¹⁸

No que se refere ao período de férias José Belém tem muitas lembranças. Ele conta que foi para a escola com 14 anos de idade, entretanto, na ficha dele tiveram que colocar 13 anos porque eles não aceitavam alunos que tivessem acima de 14 anos, pois consideravam uma idade avançada.

O período de férias era dos alunos que estudavam nas casas de palha. Não tinha nem quadro negro, era uma tábua assim, ai escrevia depois que foi adaptando. O período de férias era dos alunos ou de férias na fábrica, porque no inverno ta funcionando a fábrica e tinha as casinhas de palha onde funcionava a escola. Na seca não tinha funcionamento na fábrica, ai

¹⁶ SOUSA, José Belém. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

¹⁷ Idem.

¹⁸ MOURA, Maria do Socorro Alves. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

mudaram pra um quarto grande que tem lá, pra funcionar a escola. Quando eu comecei a trabalhar lá eu não estudava mais. Foi com 15 anos em diante, até 14 eu fiquei por lá pela escola. E com 15 anos já estava ajudando o meu avô, só que eu nem ganhava dinheiro, quem ganhava era meu avô. Eu ajudava ele, cortava lenha, botava fogo, colocava as máquinas pra girar, ajudava a lubrificar as máquinas.¹⁹

O período da seca era temido pelos trabalhadores, pois se não chovesse a fábrica não funcionava. Primeiro porque a fábrica dependia da água que vinha do represamento do Riacho Socotó, e sem chuva o riacho não enchia. E conseqüentemente os operários ficavam desempregados e teriam que procurar outro meio para o sustento da família, como mencionamos no parágrafo anterior. O Senhor José Belém, na exteriorização de suas lembranças, fala sobre a seca e o que eles faziam para adquirir uma nova renda.

A condição do povo de Campos era aqueles quem tinha recurso vivia do recurso e o que não tinha vivia de agricultura e trabalhar para o Estado. Nesse tempo lá na seca, mesmo no meu tempo de menino e até casado, na seca era carnaúba. Outros saíam, era muito difícil um ir pra São Paulo, eles trabalhavam na rodagem. A estrada pra Simplício Mendes foi tirada a mão, eu ajudei a fazer até muito tempo, empurrando carrinho de mão, e os outros arrancando pau pela raiz, brocando, era isso aí, descia trabalhando até chegar no Saco do Beco que hoje é Colônia, passando por Santo Inácio fazendo tudo a mão. Fazia açude também carregando terra nos bois, botava um coro de garra que jogava terra em cima e o boi arrastava o carrinho de mão ou paviola dois homens pegavam um.²⁰

O ambiente da fábrica depois que passou para a administração de Isaías Pereira, havia vários tipos de entretenimento, chegando a ter até umas amostras de cinema, como relata o Senhor José Belém:

Ai quando foi pra restaurar ela pelo administrador Isaías Pereira, nós da geração de 20 pra cá foi uma alegria monstra, tinha até cinema lá. Tinha aquele cinema mudo, tinham levado daqui de Teresina e passava lá toda noite. Vinha gente de toda parte daquela região, era uma beleza. Depois do cinema, já no meu tempo nós armávamos palco e fazia drama, a dona Alair Costa Amorim era a enfrentante.²¹

Os dramatas são grupos que encenam pequenos quadros dramáticos, sem estrutura fixa. Os gêneros envolvem comédia, paródias, histórias de amor e poemas. Os dramas eram teatro de costumes que fazia a diversão de muitos sertanejos:

Grupos formados por moças e senhoras de uma determinada comunidade que encenam pequenos quadros dramáticos, sem estrutura fixa, para a

¹⁹ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

apresentação de cantigas e danças, declamação de poesias e contação de histórias, por vezes envolvendo a comédia e a paródia, constituindo-se em uma representação teatral popular. Os dramas envolvem cantos, danças e interpretação dos textos criados exclusivamente para este fim, podendo ter o acompanhamento musical, por homens e mulheres, através de violão, sanfona, pandeiro, zabumba e triângulo.²²

O prédio quando passou para a administração de Isaías Pereira, mesmo funcionando para a fabricação da manteiga passou a ser um ambiente de sociabilidade e lazer, como o Senhor José Belém citou acima. Depois que a fábrica parou de produzir a manteiga, a população passou a utilizar o prédio como: serralharia, padaria, beneficiamento de arroz, o pó da carnaúba que englobava a microrregião de Campinas ia todo pra fábrica. Ao que diz respeito a esses, explicaremos detalhadamente no próximo tópico.

3.2 A fábrica de laticínios de Manteiga Puro Leite: da utilização do prédio como uma forma de entretenimento e renda à sua decadência

Depois que a fábrica ficou desativada para a produção de manteiga, o prédio ficou sendo reutilizado na cidade com diversas modalidades de produção e entretenimento, chegando a mudar o nome de fábrica de laticínios para Casarão:

A missa era lá na fábrica, e a eleição também. A eleição ia até a noite, aí tinha que colocar luz na caldeira. Quando foi muito pra cá os administradores ia chegando e aquela casa passou a ser chamado Casarão, Casarão de que [?] De dança, faziam festa lá. Lá passou a ser chamado de Casarão onde faziam baile. Eu cheguei a ir festa lá na política, teve uma política que a gente dançava muita festa lá. Quando ganhava a política à comemoração era lá também.²³

O Senhor Atanásio Ferreira também se lembra de ter participado da missa na fábrica: “Eu ia missa lá, a missa era naquele salão. Ele não era estragado daquele jeito. Era bonito. Aquele primeiro quarto da frente à esquerda fazia a eleição, quando sobe a escada a esquerda. Na direita tem dois quartos, tinha até dormitórios ali, parece que alguns deles dormiam lá”.²⁴

Este mesmo dado é confirmado no Dossiê de Tombamento das fazendas nacionais, o prédio depois de ser desativado com a fabricação da manteiga, passou a ser usado pela população como:

²² Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/43218132/doece-caderno-1-13-11-2012-pg-30>. Acesso em 10 de Agosto de 2013.

²³ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

²⁴ SANTOS, Atanásio Ferreira dos. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

Em meados da década de 40 do século XX, a Fábrica, definitivamente, parou de funcionar na produção dos derivados do leite. Após ter sido restaurada no governo de Landry Sales, nos anos 30, “funcionou algum tempo, fornecendo manteiga boa, rica e saborosa” mas isso duraria cerca de dez anos. Após esse período o prédio assumiu diversas funções: igreja, escola, centro recreativo, dentre outras atividades. Algumas salas do prédio foram usadas na produção de farinha; e outras, mais recentemente, como marcenaria.²⁵

Atualmente a fábrica encontra-se em ruínas. Algumas pessoas em Campinas lutam pelo projeto de restauração, entre elas, a Senhora Socorro Alves, que se emociona toda vez que fala da fábrica,

Nós campinenses, principalmente eu, estudei e lecionei lá. Eu sinto muita tristeza ao ver a fábrica daquele jeito. Tem uma parte do hino de Campinas que quando fala: “casa histórica, berço oriundo, meu profundo centro cultural, indígena é a nossa raça, nossa praça, nossa catedral”, eu me emociono muito, quando eu canto, porque eu vejo tudo isso a destruição total. Essa fábrica tão bonita que já foi, onde a gente já estudou, onde a gente já lecionou, onde já teve um passado tão bonito, onde teve tantas pessoas importantes que trabalharam lá, onde um Dr. Sampaio o fundador, foi à pessoa que deveria ter tido pelo menos uma morte feliz. Nada disso ele teve. Quer dizer houve um descaso total dos administradores que a fábrica chegou ao que chegou, em ruínas depredadas.²⁶

Senhor José Belém diz que quando saiu de Campinas a fábrica não faltava nada,

Quando fui embora de Campinas em 21 de Julho de 1954 lá na fábrica não faltava nenhuma porta e nenhuma janela. Eu passei seis anos sem voltar lá. Eu me empreguei no DNOCS na Barragem de Boa Esperança. Quando voltei lá depois de seis anos não tinha mais nenhuma porta e nenhuma janela. Ali tinha encanação para a casa do administrador e para a fábrica. Foram tirados tudo.²⁷

E assim, a fábrica de manteiga fechou, tendo como principal causa da falência, segundo o Senhor José Belém, a seca e consequentemente a diminuição do gado, e explica:

A fábrica faliu porque ela parou, o gado acabou. Deram as moradas ao povo, e teve também lá a pilação de arroz, remodelaram lá, teve umas coisas lá dentro que não era de lá, não funcionava isso, funcionava o leite. Depois do leite transformado em manteiga ficou um depósito de cera, guardava a cera do Estado. A cera vinha vender em Floriano, ia pra mesa de renda de Floriano.²⁸

²⁵ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. *Dossiê de Tombamento* da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano. Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008, p. 44. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2012.

²⁶ MOURA, Maria do Socorro Alves. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

²⁷ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

²⁸ SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013.

Esse período ficou registrado numa nota rabiscada por Possidônio Queiroz que residia na cidade de Oeiras,

Agora a fábrica se fechou para sempre. Resta aos velhos habitantes da região apenas a lembrança dos áureos tempos, em que havia ali muito gado, muito trabalho, dando a todos a feliz sensação de paz e progresso. Hoje, quem passa por Campos, atualmente Campinas do Piauí, tem a ver apenas o melancólico espetáculo do imponente prédio, cuja majestosa chaminé aponta, em segredo ou silenciosamente para o céu, como sinal de protesto, como grito solene contra a ação depredatória que destruiu, transformando numa ruína a opulenta fábrica que foi uma das mais importantes da América do Sul.²⁹

Em suma, tudo o que foi apresentado até aqui mostra o período em que a fábrica esteve no seu auge até ao período em que chegou à sua decadência. Hoje, em Campinas, a população vive ouvindo promessas de restauração do prédio. Porém o fato é, se aquele prédio não for restaurado, o quanto antes, muitas gerações de uma história regional serão perdidas. Nas paredes da fábrica hoje só existem as marcas de um tempo de progresso e abundância.

²⁹ Nota rabiscada por Possidônio Queiroz em 16 de junho de 1972, a pedido da Senhora Júlia de Carvalho Nunes. In: FABULOSA fábrica de manteiga do Dr. Sampaio, A. **O Estado do Piauí 2: o mais charmoso do Brasil**. São Paulo, abr. 2004, apud, ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí, p. 44.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo esse processo de levantamento de dados, seleção de material adequado para a materialização desse texto monográfico, chegamos ao término desta pesquisa, e assim nos propusemos a apresentar uma síntese de todo o trabalho, bem como a importância de tal estudo para a historicidade. Fizemos uma abordagem elucidando aspectos relevantes ao movimento operário na Primeira República, em que esse serviu como base para que chegássemos ao ponto crucial da nossa pesquisa a sociabilidade e interação entre operários da fábrica de laticínios de manteiga Puro Leite, em Campinas Piauí: retratos de uma época de 1897 a 1947, voltamos nossos olhares para aqueles que foram a força de trabalho daquele empreendimento, os operários.

Nossa principal ferramenta para a idealização desta pesquisa foi à memória, sendo esta fundamental para a junção dos fatos. Através desta suscitamos a história de uma geração que se encontrava soterrada no âmago daqueles que viveram naquela época, e que assim poderia ser perdida no tempo e no espaço, pois esses são capazes de apagar rastros há muito esquecidos. Diante disso, exploramos as reminiscências de pessoas que vivem e viveram na cidade de Campinas, ao qual é o local do objeto de estudo. Houve a necessidade de se fazer uma reconstrução da memória desses depoentes, para se estabelecer uma história marcada na luta das vivências e das identidades dos trabalhadores da fábrica.

Abrangemos assuntos relacionados ao visionário da fábrica, Antônio José de Sampaio, com ele deu origem a um plano audacioso proposto pela nação. Em seguida tratamos assuntos relacionados aos administradores das fazendas nacionais e da fábrica, aqueles que sucederam José Sampaio. Mostramos como era o funcionamento da fábrica, e tentamos fazer uma reconstituição de como era a fábrica quando nova, conhecendo-a internamente, juntamente com os trabalhadores. Também apresentamos assuntos direcionados ao cotidiano dos trabalhadores, momentos de lazer, apesar de estes se constituírem raros no início.

Através de estudos bibliográficos e audiovisuais, compreendemos a importância daquela grandiosa construção e a cada fato descoberto aumentava ainda mais a curiosidade na intenção de desvendar os momentos marcantes da fábrica de laticínios. Para isso fizemos aflorar, à mente dos entrevistados, os fantasmas que viviam escondidos em suas lembranças, levando-os a exorcizá-los, ao qual, majestosamente, tratamos de transcrever tais relatos. Uma vez que esses foram essências para a materialização desta pesquisa. Através do mesmo passamos a entender a realidade de muitos trabalhadores que fizeram da fábrica uma das maiores construções no Piauí imperial.

Esperamos que este não seja um final para a pesquisa, mas apenas o início de uma caminhada rumo à construção da nossa história, e que muitas outras pesquisas possam surgir dentro deste campo de atuação. Para que assim o trabalho daqueles operários e dos idealizadores da fábrica de laticínios seja visto como um modelo de empreendimento ousado. Tal construção também serve de exemplo de que, até mesmo, nos lugares mais ermos pode haver uma fonte de renda para uma população que não dispõe de muito poder aquisitivo.

Diante dos fatos aqui apresentados atentamos para o fato de que muita coisa ainda precisa ser trazida à tona sobre a fábrica de laticínios. No entanto, as fontes estão cada vez mais escassas, pois restam poucas pessoas em Campinas que conhecem a história da fábrica. Eu cresci nessa região, mas nunca ouvi falar a respeito da fábrica de laticínios na escola, os professores se prendiam apenas ao que vinha no livro didático, e pelo fato desse ter sido produzido, na sua grande maioria, nas regiões sul e sudeste não possuíam a nossa história regional. Por essa razão indico aos docentes que instiguem em seus alunos a curiosidade para conhecer esse período da história, que conta a respeito da fábrica.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

MOURA, Eufrasina de Araújo. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Simplício Mendes, 2012.

MOURA, Maria do Socorro Alves. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

SANTOS, Atanásio Ferreira dos. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Campinas, 2012.

SILVA, Aurora Lima da. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*, Campinas, 2012.

SOUSA, José Belém de. *Depoimento concedido à Joyce Nunes de Moura*. Teresina, 2013

REFERÊNCIAS:

a) Livros

AMADO, J.; FERREIRA M. M. *Usos & abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ARENDET, Hannah. *A Condição Humana*. Roberto Raposo. Revisão técnica: Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral- memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. (Didática, 1).

GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Educação e Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36-2003.
- MOURA, José Mendes de Sousa. *Simplicio Mendes: História e Notáveis*. Teresina: Edição do Autor, 2001.
- PERROT, Michele. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*; tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de maniçoba na economia piauiense: 1900-1920*. (Teresina: FUNDAPI, 2006).
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ROCHA, Odeth Vieira da. *Maranduba: memória do Nordeste contada de voz de mãe para filho, de avó para neto para que não se percam nossos começos e tropeços*. Rio de Janeiro: Sindical, 1994.
- THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa I. A árvore da liberdade*. 4 ed. [tradução de Denise Bottmann]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A Voz do Passado: história oral: Tradução Lólio Lourenço de Oliveira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VILHENA, Marcos Aurélio de. *Voo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão*. Teresina, 2006.
- b) Capítulos de Livros, Monografias, Artigos e Revistas**
- AGUIAR, E. As fazendas estaduais. *O dia*, n. 73, 22/06/1952. Apud ROCHA, Odeth Vieira da. 1994.
- BITTENCOURT, Ícaro. O Operariado no Brasil da Primeira República: Alguns apontamentos teórico-metodológicos e Historiográficos. *Sociais e Humanas, Santa Maria*, v. 20, nº01. Jan/Jun 2007.
- MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. In: *Revista Médis: história& cultura* — v. 5, n. 9, p. 11-13, jan./jun. 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. Vol. 27, nº 53, 2007.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. (Tradução de Dora Rocha Flaksman). *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

SEABRA, Eliane Pires. *O Movimento Operário na Primeira República*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. *História e imaginário*. Pós-Graduação em História. Universidade Católica de Goiás-UFG, Goiânia-GO, 2009

Nota rabiscada por Possidônio Queiroz em 16 de junho de 1972, a pedido da Senhora Júlia de Carvalho Nunes. In: FABULOSA fábrica de manteiga do Dr. Sampaio, A. *O Estado do Piauí 2: o mais charmoso do Brasil*. São Paulo, abr. 2004, apud, ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí, p. 44. Disponível em: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2012. Acesso em Abril de 2012.

c) Páginas da Internet

ALENCASTRO apud LEITE, Marcelo Eduardo. *A representação do negro na fotografia brasileira um estudo das Cartes de Viste*. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307152498_ARQUIVO_Arepresentacaodonegronafotografiabrasileira.pdf. Acesso em 01 de Agosto de 2013.

CONSENTINO, Daniel do Val. *A Transição do Trabalho Escravo para o Trabalho Livre e as Raízes das Desigualdades Sociais no Brasil*. Disponível em: http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/448_abstract.pdf. Acesso em: 20 de Janeiro de 2013.

ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. *Dossiê de Tombamento da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano*. Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2012.

KNAUSS, Paulo, 2006 apud *Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes [recurso eletrônico] / Charles Monteiro (Org.)*. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 132 p. - (Série Mundo Contemporâneo)

SCHMIDT, Benito Bisso. *“Companheiras!”: As mulheres e o movimento operário brasileiro (1889-1930)*. Disponível em: <http://www.americanistas.es/biblo/textos/08/08-101.pdf>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2012.

d) Vídeos

DVD com vídeo *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007.